Anno XXXII
N. 25
Preço 1$500

6 de Junho
de
1931

U. della Latta

Visitem as lindas exposições dos productos "4711" na PERFUMARIA LOPES S. A.
Av. Rio Branco 143; Rua Uruguayana 44; Praça Tiradentes 36-38. Em São Paulo, Rua Santo André 20.

Revista da Semana

A Decana das Revistas Nacionaes

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e o Grande Premio na Exposição de Sevilha em 1930.

PROPRIEDADE DA

COMP. EDITORA AMERICANA

Rua Maranguape, 15

RIO DE JANEIRO

Telephones: Redacção 2-4447

Administração 2-2550

End. telegraphico: *REVISTA*

Correspondencia dirigida

a AURELIANO MACHADO

DIRECTOR RESPONSAVEL

ASSIGNATURAS

52 Numeros (BRASIL E AS 3 AMERICAS)

Um anno 63$ — 6 mezes 32$

REGISTRADA: Um anno 80$ — 6 mezes 40$

ESTRANGEIRO

Um anno 75$ — 6 mezes 38$

REGISTRADA

Um anno 105$ — 6 mezes 53$

Avulso 1$500 — Atrazado 2$000

Este numero consta de 40 paginas

ANNO XXXII | **Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1931** | **NUMERO 25**

Reflexões de um neto de Stuart Mill...

POR SAUL DE NAVARRO

CERTA vez, passando pela rua da Alfandega, no trecho carioca designado pela denominação de "City", encontrei, por méro acaso, umas tiras de papel, escriptas a lapis entre rabiscos de algarismos e cotações de cambio, verdadeiro dédalo de cifras e gatafunhos, contendo reflexões sensatas e ironicas. Passei a limpo o conteúdo garatujado ás pressas por um neto, talvez, de Stuart Mill e leitor assiduo de Swift.

Não resisto á tentação de reproduzil-as, ministrando, em porções dosadas, esse sal de fructas amargas e acidas.

O Brasil é um paiz immenso e riquissimo. Não o nego. Abusa, porém, de sua prodigiosa fortuna abstracta, porque ainda está latente, por explorar a expandir.:

Ainda não chegou o Pedro Alvares Cabral das patacas, com as naus cheias de ouro, para descobril-o... Nem um Pero Vaz Caminha para encher o cheque...

Somos "os mendigos fartos" de que falava o estilista insuperavel que escreveu a epopéa brasileira d"*Os Sertões*"; os "nababos de miseria", no juizo mordaz de um espirito alheio á literatura, na sombra discreta de sua modestia e na sua esquivança de sceptico ferino e casmurro.

Na verdade o brasileiro é um pródigo sem fundos, rico... de esperança, opulento de sonhos vastos, capaz de gastar num dia o que ganha num anno. Futurismo economico: vive para o amanhan, antecipando a receita. Planta o café, vende-o ainda verde, valorizando o producto... para o estrangeiro saboreal-o depois, convertido em ouro e em deliciosa bebida.

Todos nós vivemos da elasticidade pasmosa do credito. Tomar dinheiro por emprestimo é um vicio tão nacional como o de sorver, a cada momento, um gole de café por 200 réis, quando a arroba está por menor de vinte mil ditos...

Gastamos o pouco que temos, sem reflexão, confiando demasiadamente no dia seguinte.

E' a doença indigena da imprevidencia: derruba-se uma floresta, maravilha tropical, para serem plantados alguns pés de feijão; abate-se uma arvore majestosa, para lhe colher os fructos; dendrophobia da preguiça...

Perdularios incorrigiveis, desbaratamos o tempo, esbanjamos as palavras, desperdiçamos até ao ridiculo.

O operario carioca economiza doze mezes de salario, para o triduo diabolico do Carnaval.

Não temos o dualismo pragmatico da receita e da despesa. Esta é a que figura em nosso orçamento privado ou official.

Uma é calculo de previsão; a outra, imprevisão incalculavel...

A nossa bolsa, quando não está vazia, está furada.

Ignoramos as vantagens do "pé de meia" e rimo-nos da sovinice franceza, origem humilde da plethora de ouro, da verdadeira enchente do Pactolo, que géra, actualmente, a crise paradoxal do paiz precavido de Tio Goriot... Crise invejavel para a nossa pindahybice aguda e chronica!

Ouvi de alguem, "prompto "permanente, esta confissão desconsolada: "Sou um Napoleão inglorio das finanças: por onde passo, deixo *cadaveres!*"

Nas moedas de cobre do regimen monarchico, — saudosos tempos de vida barata e farta! — lia-se esta inscripção: "vintem poupado, vintem ganho".

De facto, a gallinha de grão em grão enche o papo. Mas o brasileiro não poupou os vintens do Imperio, nem guarda os nickeis da Republica. Emquanto ao exemplo gallinaceo, não o aproveita, porque o seu appetite digere o perú dos banquetes...

Porque não temos o merito burguez da poupança?

Eis uma explicação plausivel: temos café para o paladar do mundo inteiro e formidaveis possibilidades economicas, no amavel euphemismo de toda summidade itinerante, que nos visita.

O café é uma saborosa sobremesa. Mas tambem de pão vive o homem. De pão e de carne. E é por isso que o "peso" argentino sobe e o nosso "real" illusorio desce...

Qual a solução para o nosso caso? Esta: aproveitar o nosso valor-homem; produzir aquillo que sirva de alimento; poupar, pelo menos, um tostão por dia...

A ISCA

conto de MAURICE MARS

NEM uma nuvem. Esta noite o céo ficará cheio de estrellas. Num esforço continuo e majestoso, o pesado paquete separa o Oceano em dois mares. Das altas chaminés escapa-se, impaciente, a negra fumarada. Sobe, enovela-se, hesita; depois, levada pela brisa, desenrola-se para bombordo, como uma serpente immensa rastejando para o horizonte.

Com os cotovelos fincados na balaustrada Jack Stanley olha a fuga tumultuosa da agua. Uma angustia lhe crispa o rosto energico. Amanhã chegará elle a Nova York. Terá que desembarcar, recomeçar a lucta implacavel. E tem medo. Um desses medos invenciveis, incombativeis, contra os quaes nada se póde fazer.

— Hello! Jack!

O passageiro volta-se bruscamente. Mary Brown deslumbra-o com a maravilha da sua mocidade. Stanley sorri...

— Ah, é você, meu amor? Venha, venha cá...

— Aqui estou, Jackie. — E, toda encostada, fazendo-se pequenina contra elle; — Que tem você? Tão pensativo... Receia alguma coisa, diga! Não tem confiança em mim?

— Engana-se, minha querida, não receio coisa alguma.

— Está vendo! Trata-me como se eu fosse uma creança...

— E que é você senão uma creança? Mas espere.. Vem ahi o sargento Macpherson, preciso de fallar com elle.

— Falar com esse agente de policia, você!

— Depois eu lhe explico.

— Jack Stanley conversando com o sargento Macpherson... Que instantaneo para o *New York Times!*

— Mary, vá depressa para o seu camarote. Daqui a nada lá estarei Até já, meu bem, até já.

Assim que a linda creatura se retirou, Stanley dirigiu-se a passos firmes ao homem que acabava de apparecer no tombadilho.

— Bom dia, sargento Macpherson!

— Olá, Stanley...

— Vou lhe pedir um favor.

— Você, a mim... tem graça! Emfim, diga lá.

— Não se trata de mim...

— Já sei. Trata-se *della.*

— Adivinhou, sargento.

— Faz parte do meu officio. Adiante.

O caso é este. Mary Brown ignora a minha vida, os meus negocios. E' uma creança. E o que eu desejo é que, no caso de me succeder alguma coisa, ella não seja de modo algum importunada...

— Mas que receia você, Stanley?

— Receio tudo, porque não sei nada. Sob a sua vigilancia, sargento, tornei-me neste navio um verdadeiro prisioneiro. Não me deixaram desembarcar em Southampton nem, depois, em Hamburgo. Reconduzem-me á força para Nova-York, donde parti, munido dum passaporte em regra... Ora, isto!...

— Que diabo, Stanley, não se exalte! Você não é um cidadão como outro qualquer. Rei dos contrabandistas de alcool... é um titulo importante. Merece-me por isso todas as deferencias...

— Quer dizer que me vae deitar as unhas?

— Melhor do que isso. Amanhã, ás 11 horas, atracaremos em Nova York. O seu inimigo implacavel, Roguero, espera-o no caes, devidamente acompanhado, para lhe dar as bôas vinda á sua moda — *sua,* delle e de você... Quer dizer que além dos "hurrahs" lhe festejarão a chegada com outras effusões.

— Não faz mal, Macpherson. Os meus homens tambem lá hão de estar. E saberão corresponder a todo esse enthusiasmo...

— Engana-se, Stanley. Interceptei os radiogrammas que você tentou passar ao seu ajudante de ordens, Lawrence, e mandei-lhe um cabogramma, em seu nome, ordenando-lhe que o esperasse em casa. Assim, pois, os seus homens, Stanley, não estarão no caes.

— Miseravel!

— Calma, calma... não cerre os punhos com esse nervosismo. Escute-me ajuizadamente como um homem.

— Sou todo ouvidos.

— Ora bem, assim é que eu gosto. Não quero barulhos nem espalhafatos de especie alguma. Você vae desembarcar sózinho e depois de todos os outros passageiros.

— Para a gente de Roguero apontar bem á vontade contra mim?

— Exactamente!

— Mas, sargento Macpherson, que idéa faz de mim? Julga que sou tolo ou...

— Julgo simplesmente que está apaixonado. Tomarei miss Mary Brown sob a minha protecção, mas com esta condição: a sua obediencia absoluta. Do contrario, não respondo pela pequena. A policia, você sabe, é curiosa. Procura sempre e tudo lhe serve para as suas pesquizas. Ora, com um companheiro da sua especie, miss Brown parecerá mais que suspeita e, se ninguem garantir a sua innocencia, a sua ignorancia no caso...

— Basta, Macpherson, você é um miseravel!

— Nada me fará perder a calma, nem mesmo as suas injurias. Reflicta. Talvez você escape á emboscada: não será a primeira vez. Sempre teve sorte nestas coisas... E, quanto a Roguero e ao seu pessoal, desde que a policia possa agir mais á vontade, apanha-os todas duma vez. Está tudo preparado, vae ser um cerco em regra. Você verá!

— Sim, uma especie de ratoeira de que eu venho a ser a isca...

— Nem mais nem menos. Então, Stanley, que resolve?

O "golfinho" em Nictheroy — Tambem a linda capital fluminense se deixou empolgar pelo novo *sport*. Vêem-se diversos flagrantes de gentis jogadoras, satisfeitas principalmente com a novidade...

— Acceito, por causa da pequena.

— Perfeitamente.

— Quanto a você, sargento, se eu sahir daqui com vida, não terá muito tempo para gozar a promoção conquistada com este plano genial...

— Paciencia. Ossos do officio. Está então combinado. Você compromette-se a sahir em ultimo logar, passando, sósinho, pela prancha. E desarmado, heim?

— Está combinado.

— Bôa noite, Stanley. Até amanhã.

Do flanco do transatlantico immenso que domina o caes sáem, em grupos, apressados, os ultimos passageiros. Stanley espreita esse movimento pelo oculo do camarote. Voltando-se para Macpherson sentado no leito, observa-lhe:

— Já desembarcou toda a gente. Só faltamos nós e a equipagem.

— Espere mais tres minutos, Stanley. Vae descer pela ultima prancha á direita, a quarta, que é a destinada aos passageiros cujos sobrenomes vão de S a Z.

— E Mary?

— Miss Brown desembarcou sem novidade, acompanhada por um dos meus homens. Já deve ter chegado ao *Caledonia*. Eu mesmo lhe levarei a sua carta.

— Obrigado.

— Um cigarro, Stanley?

— O cigarro do condemnado á morte. Não é necessario.

— Como queira.

— Estou prompto.

— Vamos então.

A prancha está deserta ou quasi. O sol esbraseia o navio. Stanley tira o sobretudo. Corre-lhe o suor da testa. Macpherson, que o segue a alguns passos de distancia, detem-se perto da prancha, dizendo:

— Fico aqui, Stanley.

Stanley responde com um gesto, concordando. Ser-lhe-ia impossivel articular uma só palavra. Deixa escorregar o sobretudo que entalara debaixo do braço e, como um automato, entra na prancha que, esguia, toda branca, verga sob os seus passos. Apoia-se com a mão direita á balaustrada. Os seus olhos, muito dilatados, descem para o caes. Vê, a seus pés, num nevoeiro alvacento, uma turba açodada. Devem ser reporters, policiaes, basbaques... Continúa a descer. Reconhece então dois homens de Roguero. Hesita um segundo; depois, dominando-se, continúa a descer. Distingue mais dois homens do bando inimigo. Machinalmente, vae contando os passos. Quanto mais caminha, melhor se offerece como alvo aos atiradores. Chega a desejar furiosamente que façam fogo, acabem com aquillo duma vez. Amollecem-lhe as pernas. Faz um esforço supremo, recomeça a andar.

Cinco, seis detonações em salva. Stanley cáe de joelhos, com as mãos no ventre. Como num sonho, ouve apitos, enxerga um arremesso de homens contra outros homens, distingue ainda gritos, pragas, uma detonação — e nada mais.

Macpherson, que acudiu rapidamente, detem a multidão, impedindo-a de invadir a prancha. Um medico, debruçado sobre Stanley, desabotoa-lhe o colete, arranca-lhe o peito da camisa...

— Então, doutor? — pergunta Macpherson contendo os curiosos.

— Teve sorte. E é um rapagão. Creio que escapará.

— Tanto melhor para elle! commenta o policial — E tanto peor para mim... acrescenta com os seus botões.

E assim dizendo atira-se para a frente e, a grandes murros, desembaraça a prancha, para dar passagem á padiola que transporta o corpo de Stanley inanimado.

A Faculdade Fluminense de Medicina inaugurou a sua nova séde. Vê-se, á esquerda, o bello edificio e á direita academicos e pessôas presentes ao acto inaugural.

O rei da belleza

A proposito da eleição do "Rei da Belleza" pelos mineiros do Pas de Calais, escreve o chronista parisiense Albert Acremant:

"Dizia Solon que a belleza era uma curta tyrannia. Platão chamava-lhe um privilegio da Natureza. Theophrasto considerava-a uma eloquencia muda. Diogenes apreciava-a como sendo a melhor das recommendações.

Ora, nenhuma dessas sentenças celebres toma a belleza como um privilegio feminino. Porque, então, em todos os concursos de belleza se trata exclusivamente de rainhas? Não seria justo que, de vez em quando, se concedesse a um homem o sceptro de tal majestade?

Uma associação de Courrières, denominada os "Javelateux de l'Avenir" entendeu que era necessario pôr termo a tal iniquidade... Entre os mineiros do Pas de Calais ha homens bellissimos. Se tal verdade não dá muito na vista é porque, em geral, os mineiros se apresentam com o rosto enfarruscado de carvão! Uma vez, porém, em sua casa e convenientemente escarolados, attestam que ha entre elles, e em porcentagem bastante alta, verdadeiros typos de belleza.

Os Javeloteux de l'Avenir *elegeram, pois, um rei. E todas as mulheres aprovaram a escolha — o que sem duvida constituiu a melhor das homenagens ao novo soberano.*

Chama-se este Alexandre Meignotte. Conta vinte e cinco annos. Até janeiro proximo, presidirá a todas as manifestações dos seus camaradas. E de cada vez as moças lhe offerecerão flôres. Dir-se-á talvez: "Que imprudencia! Esse homem vae ser amado por todas as mulheres. Ciumadas! Intrigas! Conflictos! Dentro de tres meses, haverá nas minas uma especie de guerra civil!"

Nada disso. Os mineiros são a gente mais séria do mundo. E elegeram Alexandre Meignotte porque, além de bello, elle é casado e tem varios filhos.

Conheço em todo o caso bastantes mulheres que não quereriam ver seu marido elevado a Rei da Belleza"...

Um philantropo

A prolongada secca, que tem flagellado vastas regiões dos Estados Unidos deu a um millionario philanthropo ensejo de soccorrer grande numero dos seus compatriotas. E nada mais original, nem mais louvavel ao mesmo tempo, que a sua maneira de proceder.

Sem annunciar a sua chegada a parte alguma e, quasi se pode dizer, mysteriosamente, o seu automovel percorre as terras do Mississipi e distribue pelos lavradores arruinados pela secca grandes sommas de dinheiro. A unica explicação que elle dá da sua generosidade é que "os que teem dinheiro devem auxiliar os que o não teem".

A' data dos ultimos jornaes já o automovel providencial tinha sido visto na Virginia, Carolina do Norte e do Sul, e Luisiania.

Ao que diz uma correspondencia de Natchez (Mississipi) o distribuidor desses soccorros, que se devem estender ainda a outros Estados, é o sr. Enos F. Jones, de Jersey City, que ultimamente herdou grande fortuna de seu pae, fabricante de productos chimicos.

Senhorinha Ricardina Pretz, da sociedade portoalegrense, cercada de amiguinhas por occasião do seu anniversario natalicio.

A correspondencia da rainha Mary

A rainha da Inglaterra occupa-se em pessôa da sua correspondencia. Em muitos casos, a soberana dicta inteiramente as respostas; quando, porém, considera escusado esse trabalho, anota nas costas do enveloppe recebido o sentido da carta com que se deve responder.

Quando adoece algum dos seus familiares ou pessôa da sua roda mais chegada, a rainha escreve-lhe do seu proprio punho, pedindo noticias e sempre em termos encantadores.

A Buckingham Palace chegam innumeras cartas endereçadas á soberana tratando de subscripções ou doutros assumptos em que a sua generosidade é solicitada. Os mais humildes dos seus vassallos lhe podem escrever e de facto lhe escrevem: operarios, trabalhadores do campo, criadas de servir; e como muitas não sabem exactamente como endereçar a carta, põem por exemplo: "Mrs. England", ou "Mrs. Queen", ou ainda "Madame Majesty".

Durante a recente doença do rei Jorge, houve uma excellente mulher que escreveu — endereçada a "Madam Queen" — uma carta cheia de ternura e em que havia este periodo: "E quando a tosse recomeçar friccione bem o peito do seu marido com oleo camphorado."

— "*Para enriquecer depressa*"... Vou comprar este livro.
— Bôa idéa. Mas compra tambem o *Codigo Penal*.

Os turcos e o eclipse

Ao que observa um jornal, Kemal Pachá terá ainda muito que fazer para modernizar o seu paiz conforme deseja. E uma das difficuldades desse emprehendimento será a de familiarizar o povo com os phenomenos astronomicos.

No dia 2 de Abril ultimo, em Constantinopla, quando no céu claro de primavera se podiam acompanhar as phases dum eclypse da lua, numerosos turcos, acreditando que "o dragão estava prestes a devorar o astro das noites", sahiram para a rua com carabinas e desataram aos tiros, "para enxolar o monstro". E foi necessario que a policia interviesse energicamente para pôr termo a tal fuzilaria.

Segundo um telegramma de Basra, tambem no Irak, que é musulmano como a Turquia, o eclypse em questão alarmou pavorosamente as populações beduinas do deserto. Emfim, no deserto, vá lá que a sciencia de Leverrier seja completamente desconhecida... Mas numa capital européa!

Aspectos da ceremonia do lançamento da pedra fundamental da Matriz da parochia de S. Pedro, em Cascadura. A' esquerda, o cardeal d. Sebastião Leme cercado de figuras proeminentes do clero; á direita monserhor Rezende, quando pronunciava o sermão allusivo á ceremonia.

PENNA PRETA

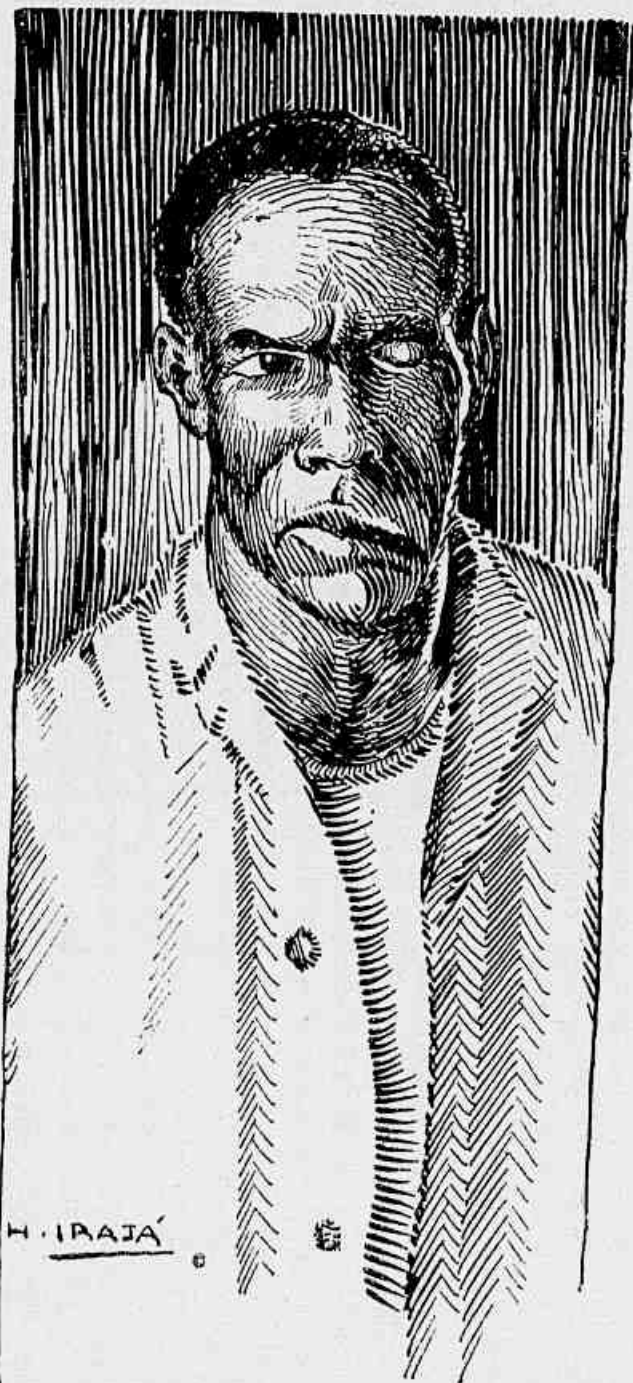
POR FLÓRA SIMÕES DE IRAJÁ

QUANDO voltei á velha fazenda onde vivi a minha infancia, tudo lá estava do mesmo modo, como ha annos havia deixado. No centro, o velho casarão ennegrecido pelo tempo, pensativo, conventual, sombreado pelas ficheiras e coqueiraes. A' direita, os vastissimos terreiros de café murados de pedra, que o musgo verde amarellado revestia de um aspecto secular. A' frente as casas de colonos enfileiradas. Mais além, o rio como uma sinuosa estrada de crystal por entre os altos capinzaes. A' esquerda, o moinho junto á aléa dos ipês; e desse mesmo lado, não longe, a capella simples, bem no alto de um outeiro, santificando a paisagem com a sua silhueta esguia...

O meu desejo de amplitude e liberdade, opprimido pela vida urbana, expandiu-se violentamente naquella temporada de roça, onde a pujança da verdura e o azul de cobalto de um céu previlegiado faziam cantar em mim hosannas de vida e mocidade. Como uma creança irrequieta, desde manhã ia de um lado para outro, visitando todos os recantos e ouvindo daquella gente simples as historias dos "mêdos" e assombrações.

Uma tarde, quando regressava da casa do Joaquim Fernandes, um nosso vizinho, cansada pelo exercicio, sentei-me em uma pedra do caminho. A estrada abria-se recta, sulcada pelas rodas de carros e carroças, por entre os cafezaes enfileirados como batalhões interminaveis. Os raios vermelhos do sol poente começavam a tingir de escarlate e ouro o verde das campinas. Eu olhava extasiada, irmanada com a beatitude contemplativa das plantas. Fazia um silencio que me penetrava os sentidos. Subito, um mugido de boi e o chiado de um carro se fizeram ouvir a distancia. Voltei a cabeça, curiosa. O carreiro, com voz rouquenha e triste, acompanhava os gemidos das rodas com uma canção. Só de bem perto pude ver quem era.

— Olá, Gregorio! Sempre forte, heim?

A' minha voz, o homem, descalço, roupa

de brim branco sujo, o chapéu de palha quebrado na testa, parou, dando um grito a um dos bois do varal que o attendeu.

— O...a! Estaca Maiádo!

Ao reconhecer-me foi tão viva a sua alegria que me commoveu.

— Ocê, chentes! Quem é vivo sempre apparece! Como vae a Siá Maria e toda a famía?

— Bem. E você ainda mora no Saltinho?

— Fais um tempão que eu não tô mais lá. Agora trabaio com o Antonho Corrêa.

— Então tem muito que caminhar. A estrada do tanque não dá passagem. O "ladrão" da represa arrebentou e a ponte ruiu. Você não tem outra estrada sinão a do Ingá.

— Cruis Credo! Passá de noite pela santa cruis? Desconjuro! Nem que eu sesse lôco!

— Porque?

— Pro "coisa ruim" me garrá?

— Ora, deixe de historias. Lá vem você me contar coisas. A alma do Penna Preta, que lá está enterrado, a estas horas deve estar jogando o "truco" com S. Pedro. Faz tanto tempo que elle morreu que as suas culpas já foram redimidas no Purgatorio.

— Quá o quê! Aquelle desgraçado, emquanto não cumpri o juramento que elle feis de acabá com a gente dos Messia, elle não deixa este mundo. Ainda farta um...

— Como! Dos dois que restavam algum morreu?

— Então ocê não sabe? O Chico appareceu morto, perto da santa cruis. Até hoje ninguem descobriu o que foi que aconteceu.

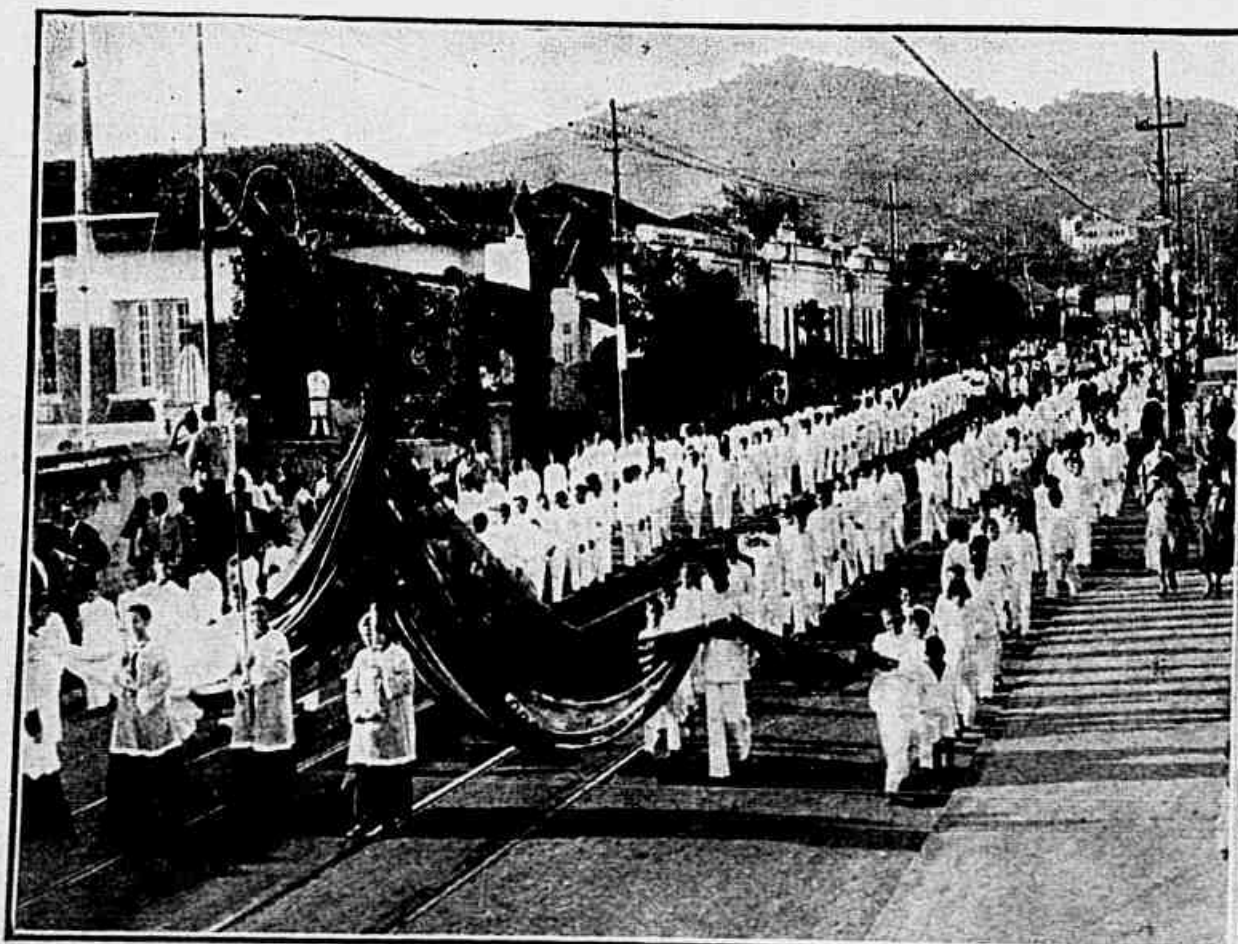
— Agora de toda a familia só resta o Totico?

— Só. E quarqué dia o "coisa ruim" pega elle, ocê vae vê. Eu é que não tenho corage de passá de noite por aquelle lugá. Vou pará com o carro na Estiva e só aminhã contin'úo a viage.

E, depois de mil despedidas, lá se foi o Gregorio pela estrada a fóra, deixando-me nalma uma tristeza vaga e a saudade da minha infancia fortemente avivada pela suas palavras.

A figura do Penna Preta appareceu nitidamente na minha imaginação, com o mesmo aspecto agourento e horripilante d'outr'ora, quando eu era creança. Negro, de um negro luzidío, alto, coxo, a gaforina avermelhada, a face esquerda repuxada por uma hedionda queimadura, o olho desse lado branco e cego, e a bocca pregada até ao centro do nariz. Para a articulação das palavras os seus labios em rictos deixavam apparecer um canino ponteagudo, que lhe dava uma expressão feroz. Lembrei-me, quando bem pequenina, do medo de morte que a sua presença me inspirava. No auge do chôro, si alguem me dizia: "Lá vem o Penna Preta", as lagrimas se me estancavam de pavor.

Mais tarde, esse medo foi se dissipando e eu, já bem maior, me divertia em ir vel-o sambar com a negrada. A sua dança, com rithmos da dança de um bruxo, me despertava um riso nervoso.

Quando voltava para a casa sentia um desassocego intimo, e a voz lugubre, que sahia pela sua bôcca repuxada, ainda cantava em meu ouvido a mesma quadrinha do samba:

A imponente procissão de Nossa Senhora Auxiliadora, em Nictheroy. A' esquerda, os collegiaes salesianos de Santa Rosa; á direita, grupo feito após a solennidade religiosa no Collegio Salesiano.

"Olha a caixa da matina
Pandeiro da matinada
Quando a tua caixa falla
Meu pandeiro faz zoada".

E a negrada respondia ao seu solo com o estribilho:

"Como é que fais pa pegá o lambary"

que era repetido de bocca em bocca, durante horas seguidas.

Recordei-me do medo que me voltou no dia em que o Penna Preta brigou com o Messias, um velho empregado da fazenda e foi assassinado por este, na estrada do Ingá. Só podia dormir com a luz accesa e agarrada a alguem. Quando falleceu o Messias, em virtude de um ferimento recebido na briga, foram novas semanas de medo. Tres mezes mais tarde, a esposa, uma bondosa mulher que me serviu de ama, expirou repentinamente. Fiquei apavorada. A morte assim do casal fez-me crer numa influencia tenebrosa. O Penna Preta, antes de morrer, não havia promettido acabar com toda a familia, nem que fosse depois de morto?

Foram essas as recordações que me trouxeram as palavras do carreiro Gregorio.

A coincidencia da morte do Chico, o filho mais velho do casal, justamente nas proximidades da Santa Cruz, como os roceiros chamavam o tumulo do Penna Preta, devido á enorme cruz que assignalava o lugar, me impressionou singularmente.

Ao perceber que a noite cahira e que eu ainda estava sentada á pedra, sozinha, na immensidão da estrada solitaria, senti um arrepio e um medo enorme, ligado aos receios da minha meninice. Levantei-me de um salto. Caminhei com passos apressados sem olhar o vulto das arvores, que como legiões de phantasmas se abeiravam no caminho.

O barulho dos meus proprios passos infundia-me pavor. Julgava que alguem me acompanhasse. Sentia mesmo um frio immaterial penetrando no fundo dos meus nervos. Puz-me a correr como louca, numa anciedade cruciante... A silhueta da egreja destacou-se no alto do outeiro e trouxe-me uma especie de allivio.

Quatro dias se passaram sem alteração do meu socego. Mas no quinto dia, uma sexta-feira, um incidente me contrariou. Eram 11 horas da noite e os jornaes e correspondencias que costumavam chegar ás 8, ainda não tinham apparecido. Indaguei a causa. O administrador explicou-me. O cocheiro que estava incumbido de buscar o correio havia adoecido. Um outro substituira-o; mas, medroso como era, com certeza dormira na cidade, para não passar de noite pela Santa Cruz.

— Quem é? perguntei?

— O Totico do Messias.

— O Totico? O Totico! Mas porque mandou justamente o Totico?

"Então o senhor não sabe?

O administrador olhou-me admirado, esboçando um sorriso de mofa.

Um tanto encalistrada, mudei de assumpto.

— Quero amanhã o *Caboré* encilhado para o meu passeio matinal.

Caboré era o meu cavallo predilecto.

— Perdão, o Totico montou-o.

— Não faz mal. Mande encilhar qualquer outro.

Recolhi-me ao meu quarto para dormir. Mas a noite passou-se, sem que eu pudesse pregar olho. Um presentimento me varava o espirito, enchendo-me o coração de sobresaltos.

A's duas horas, uma tempestade desabou. O vento soprava violentamente no arvoredo e assobiava nos desvãos das janellas. A minha ansiedade crescia. Os relampagos zig-zagueavam pelos ares e os estrondos proximos dos trovões retumbavam em ondas excentricas. Julguei ouvir, misturado aos gemidos do vento, um barulho de patas e um relincho de animal. Não me pude conter. Abri estouvadamente a janella por onde entrou uma lufada de vento e chuva, que me molhou o rosto e o peito. Nada vi...

A's 6 horas, com a cabeça pesada e em grande excitação, desci ao picadeiro á procura do cavallo que lá devia estar arreado. O administrador veiu ao meu encontro com uma expressão apavorada.

— Sabe, disse-me elle gaguejando, o Totico foi encontrado como morto junto ao mourão da porteira do Ingá e o *Caboré* veiu aqui ter, sozinho, espumando, com uma enorme chaga nas ancas. Já mandei um caminhão buscal-o.

Fiquei petrificada. Quando o caminhão chegou, eu ainda estava no mesmo lugar. Fiz com que se transportasse o doente para a nossa casa. Era o meu dever de gratidão para com o filho da creatura que me servira de ama. O seu estado apresentava-se grave. Ardia em febre num profundo torpor. Tinha as costas chagadas de cima a baixo, como si tivessem sido queimadas por violento fogo. Nos flancos algumas borbulhas se levantavam volumosas. O medico não diagnosticou.

O que teria acontecido? Era a interrogação de todos os olhos.

Passou o dia mal, em continua dyspneia. De vez em quando um impetuoso estremecimento sacudia-lhe o corpo. Os dentes se lhe cerravam em contracturas tetanicas. A' tarde apresentou melhoras. A respiração tornou-se quasi normal. Olhou-me com doçura. Pediu agua e bebeu-a serenamente.

E emocionada experimentei, então, uma pergunta indagando o succedido.

— O que te poz assim, Totico?...

Elle quiz fallar. Os labios tremeram, mas a angustia, acordada por uma lembrança sinistra, abafou-lhe a voz. Os seus olhos abriram-se desmesuradamente e o rosto já pallido tornou-se esverdeado.

Desmaiou. Dei-lhe saes para respirar e chamei pela criada. Eu tambem me sentia mal. Tinha febre. A emoção me suffocava.

Era preciso que um outro ambiente me esbatesse a lembrança presente da inquietação. Fui para o meu quarto. Parece que dormi. Não sei. Passei por uma modorra esquesita. Só dei accordo de mim quando uma rajada fria me passou pelo corpo. Olhei para as janellas. Estavam abertas. Soergui-me num esforço para fechal-as. Foi quando me pareceu ouvir um frouxo dobre de finados. Sim, era de facto um dobre de finados, eu ouvia bem... Pelo rectangulo aberto da janella, procurei divisar, dentro da escuridade nocturna, a egrejinha. Num rasgão de nuvens negras um pedaço de lua surgiu illuminando mortiçamente o outeiro. E oh! horror! O que vi eu com os meus olhos incendidos de febre? Um vulto branco, esguio, semelhante a um esqueleto, colleado á corda do sino, a balouçar-se como um pendulo de relogio... Estarrecida, allucinada, fugi! Seria desvario da febre?...

...Totico morrera nessa noite.

FLORA SIMÕES DE IRAJA'

1 — Pesssôas presentes á homenagem prestada a d. José Pereira Alves, pela passagem do anniversario de posse de S. Exa. Revma. no Bispado de Nitheroy. 2 — Grupo tirado na igreja S. Domingos de Nictheroy após a missa mandada rezar pelo mesmo motivo.

FOLHEANDO uma velha revista, contendo uma galeria de retratos de mulheres que cumpriram sentenças em Saint Lazare, e notando entre ellas a bella physionomia de madame de Steinheil, não resisti ao desejo de ler as suas memorias, que tanto rumor fizeram ao apparecer em publico. A "viuva rubra", a "viuva tragica", como lhe chamavam, teve uma bem triste celebridade, sendo o mais desconcertante que, após a leitura de tantas paginas, o nosso espirito permanece embrenhado na mais desesperadora das duvidas. Margarida Steinheil, durante a sua existencia brilhante e sem recato, pois seus actos eram alardeados publicamente, foi um tanto enigmatica e indecifravel. Nas suas narrativas, antes da tragedia da Impasse Ronsin, ha sempre um ponto obscuro onde é impossivel penetrar, qualquer coisa de dubio, de insincero, sobre a qual ella deslisa velozmente, não dando a quem a lê a satisfação inteira de suas explicações. Quando nos conduz passo a passo através do seu noivado com o pintor Adolpho Steinheil, depois de fazer do futuro esposo uma descripção deprimente, resolvendo-se a acceital-o por insinuações estranhas, e não pela voz imperiosa do amor, sente-se que o que a impelle aos braços do marido é uma razão secreta — a mesma, talvez, que dirigia todo o curso de sua existencia.

Ao principio, ella relata incidentes inuteis, que não interessam, parecendo que com allusões insignificantes pretende, devagar, com subtileza, attrahir o leitor, suggerindo-lhe sympathia pela sua mocidade, que o destino recompensara magnanimamente, dando-lhe dotes excepcionaes de belleza, de talento e de bondade.

Isso pode ser exacto, pois a sua personalidade artistica, conforme ella propaga, merece admiração ; mas emquanto nos encanta com a agudeza do seu entendimento e a elegancia de suas maneiras, que a fizeram denominar uma das rainhas de Paris, incute-nos desconfiança pelas seus sentimentos intimos, tão copiosamente exhibidos para a plateia. A sua preoccupação de ser verdadeira, zomba ás vezes da sua sagacidade, pois confessa que, desde os primeiros annos de casada, explicava-se com o marido em epistolas detalhadas, por se verem pouco, mantendo ambos uma existencia áparte. No emtanto mais adiante, esquecida do que affirmara, insiste na sua dedicação de esposa, de mãe e de amiga, recebendo sozinha no seu bello salão os artistas e os politicos que a rodeavam continuamente. Os episodios succedem-se, realçando ella sempre como um galardão de gloria a missão importante que lhe coube em sorte, de fascinar os homens de Estado, impondo-lhes candidatos nos ministerios, nas secretarias, em toda a parte emfim! E embalada pela vaidade expõe minuciosamente a sua intimidade excessiva com Felix Faure, cuja predilecção ostenta sem pejo. Nesse periodo em que dominou o presidente francez, ainda relata quanto foi adulada e incensada como uma moderna Maintenon, não recuando ante nenhum perigo, nem ante nenhuma ameaça. Depois de alludir ás homenagens que lhe prestavam, bem identicas ás das celebres favoritas de reis, accrescenta com orgulho que o chefe do governo lhe telefonava a todo instante, visitando-a e trabalhando com ella em documentos importantes, escutando-lhe as observações intelligentes, tornando-a do modo mais decisivo uma collaboradora insubstituivel, chegando a mandal-a como sua representante a solemnidades onde não queria comparecer por cansaço ou por tédio!

Quando Margarida Steinheil ficou sem esse poderoso protector, o odio explodiu livremente e a sua vida, aliás tão enleada, tornou-se dia a dia mais tormentosa e difficil. Vieram então os acontecimentos, semelhantes a enredos de romances fantasistas... Pela feitura bizarra desse volume impressionante, é impossivel ter-se uma opinião exacta dessa complexa personalidade, que teve a pericia de deixar numa indecisão angustiosa os advogados que a defenderam, os juizes que a julgaram e, ao fim de tantos annos, ainda perturba e desorienta aquelles que se distráem a investigar os arcanos mysteriosos do coração humano.

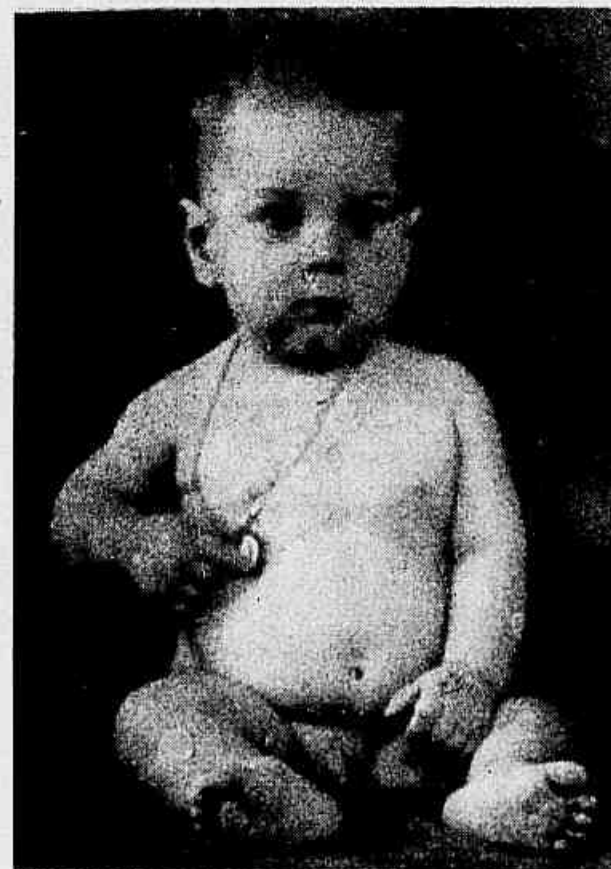
Iracema Guimarães Villela

Aspecto da inauguração do 3.º Salão dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel.

Aspecto da brilhante solemnidade da inauguração das "Lojas Victor, Ltda." — Tudo até 2$ — vendo-se o illustre bispo d. Mamede, que a presidiu, entre os srs, Victor Fernandes Alonso e Luiz Ferreira Gomes, propietarios dos modernos estabelecimentos.

Aspecto interno das "Lojas Victor, Ltda." — Tudo até 2$ — Os seus mostruarios e as auxiliares dos grandes estabelecimentos.

CREANÇAS

Major Manéca, filho do dr. Alvaro Simões Lopes, e d. Dinorah Simões Lopes, e neto do dr. Ildefonso Simões Lopes.

Claudir, filho do sr. Claudir Ramos Teixeira e d. Carolina Santos (Palmyra — E. de Minas).

Maria Eduarda, filha do sr. Eduardo Dias.

Marina, Antonio, Celia, Asthur e Helio, filhos do sr. Antonio Lago e d. Libania Nunes Lago.

Os pombos da guerra

Morreu a 9 de Abril ultimo, com a edade de dezesete annos, Lightning, um dos mais famosos pombos correios do tempo da guerra.

Posto á disposição das autoridades militares em 1914, Lightning serviu até ao armisticio na base naval de Lowestoft.

Outro pombo celebre da guerra pereceu recentemente, victimado por um gato: e a unico sobrevivente é, parece, Old Bill que durante tres annos esteve ao serviço da Grande Quartel General britannico em França.

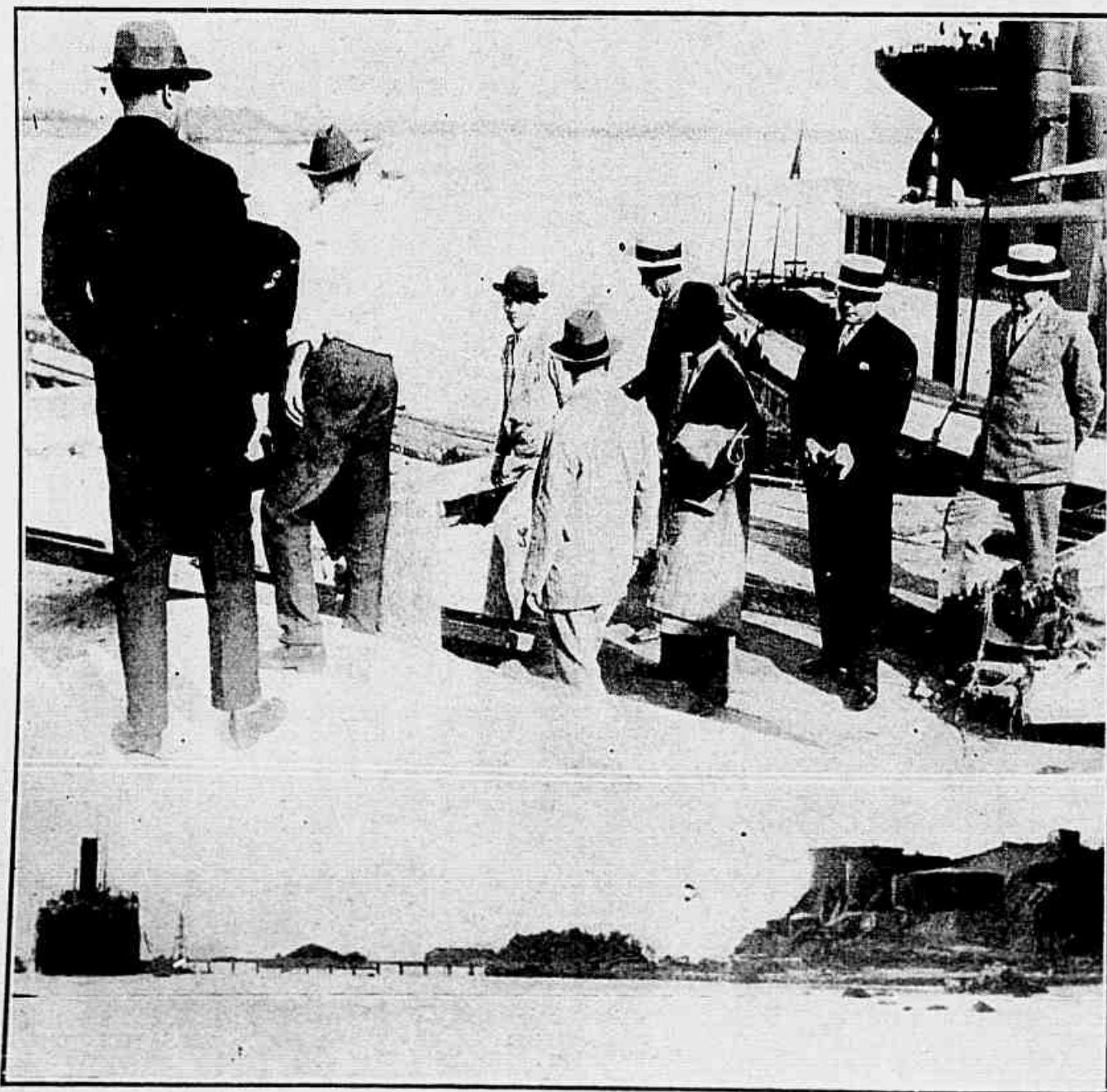
Grupo de representantes brasileiros ao Campeonato Sul-Americano de Athletismo, por occasião do seu desembarque, de regresso de Buenos-Aires.

Conan Doyle e os anjos

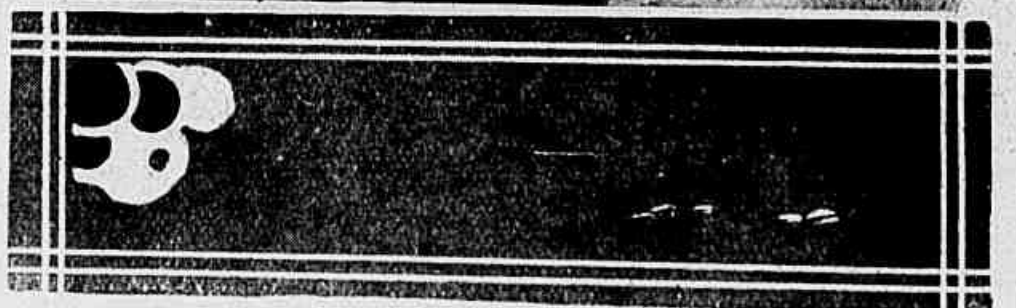
Conan Doyle, o creador de Sherlock Holmes, o novellista que nas suas obras empregou tão agudo espirito de deducção methodica a serviço de tão rica imaginação, era, sobretudo nos ultimos annos da sua vida, um fervoroso adepto do espiritismo.

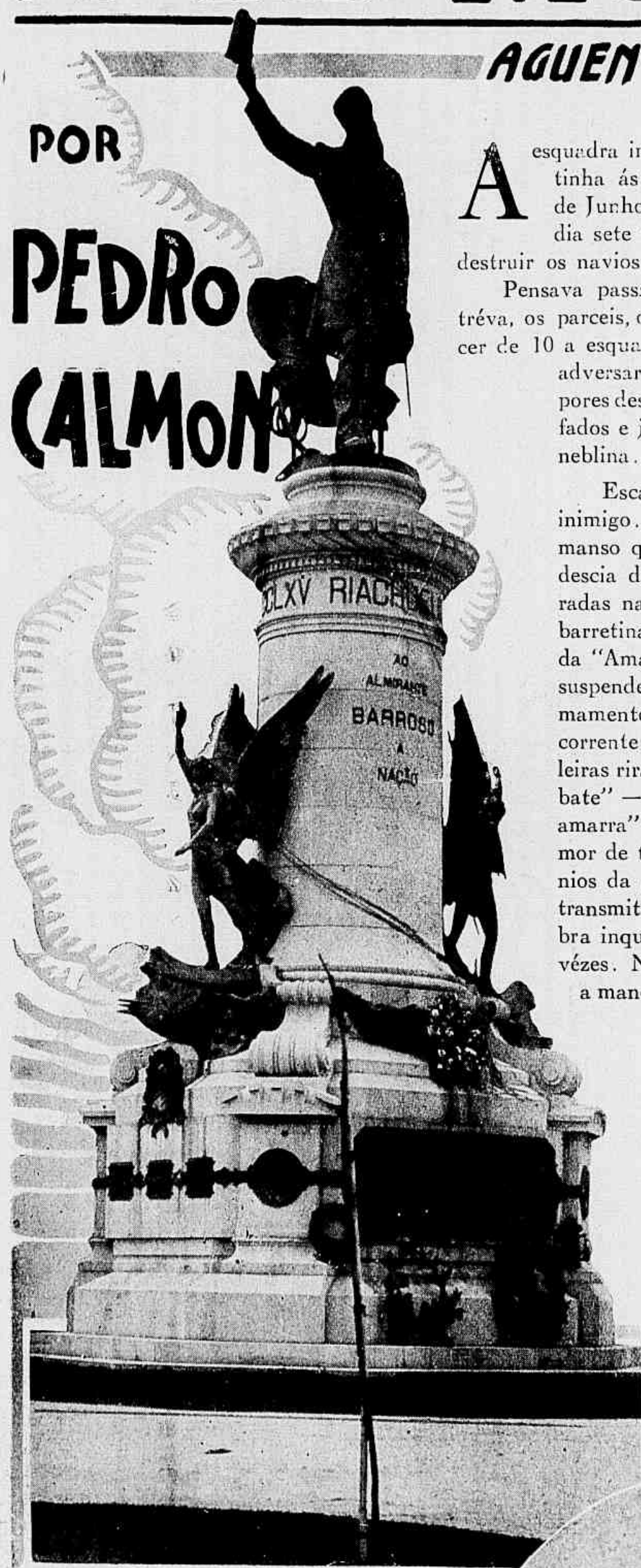
Um dia — conta o Excelsior—*falando elle de suas convicções a um colaborador dessa folha parisiense, ouviu do jornalista a objecção que sempre se levanta nas discussões ou nas simples palestras sobre espiritismo: a inferioridade das respostas que se obtem nas sessões do genero. Os espiritos "desencarnados" e vivendo num plano superior não parecem ter-se libertado das preoccupações terrestres de que o bom senso, a philosophia e a propria edade, neste mundo mesmo, acabam por nos emancipar.*

O romancista reconheceu que, em muitos casos, os espiritos conservam alguma coisa de humano, de demasiadamente humano, mas a culpa disso devia ser attribuida áquelles que os invocam. E concluiu:

— Nós temos anjos... quando merecemos anjos.

Ao alto: o inspector da Alfandega chegando á Ilha Redonda, em visita ás installações de "The Caloric Company". Em baixo: a Ilna Redonda vista de longe, vendo-se o vapor norueguez "Mirlo", que trausportou o maior carregamento de gazolina já chegado ao Rio, pelo qual a **Caloric** só de direitos pagou 2.301:400$000.

O DEDO DE MOSCOW

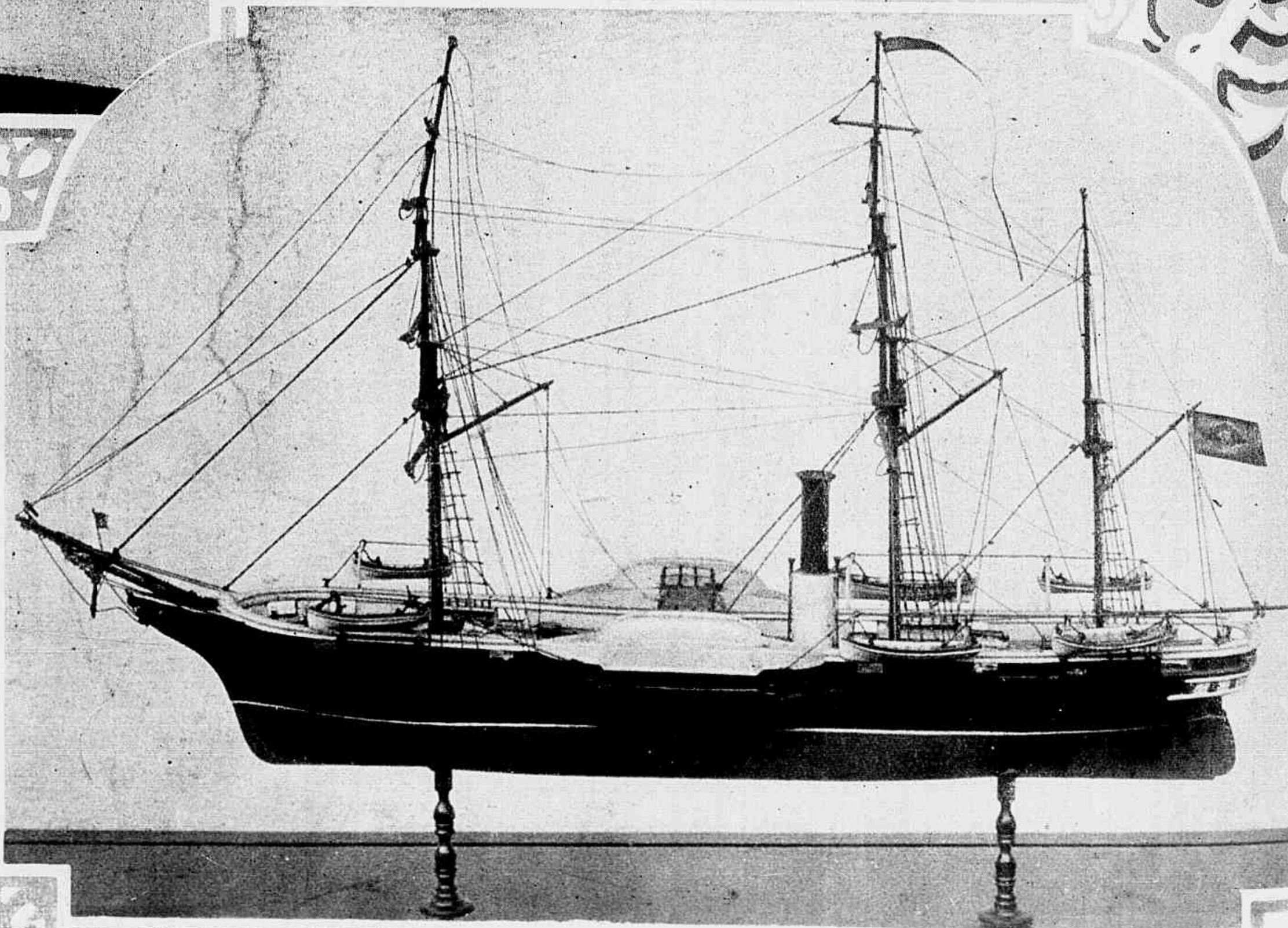
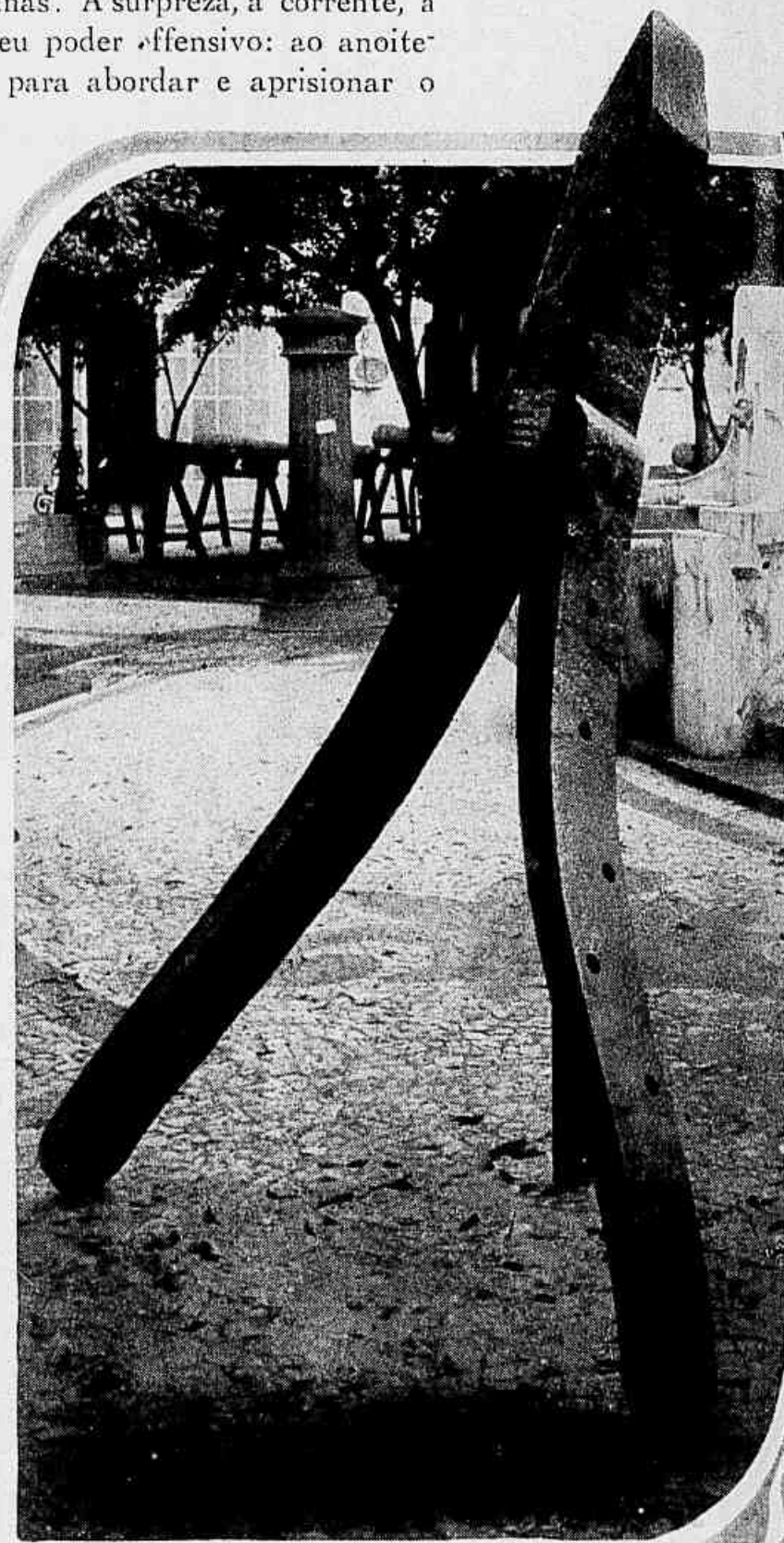
UMA noticia recente abalou o mundo, levando-o ao assombro das cousas desconcertantes e incomprehendidas : o povo castelhano, reconhecidamente catholico e summamente zeloso pelos seus monumentos de arte, havia incendiado conventos e igrejas, numa furia insana e demolidora ! Mais tarde os telegrammas vieram alliviar o nobre povo espanhol dessa tremenda responsabilidade, attribuindo o attentado a represalias communistas. Vemos, á direita, a figura de Lenine interpretada pelo esculptor Siegfried Charoux.

1 — O povo presenciando o incendio da igreja dos P. P. Jesuitas. 2 — Um aspecto da igreja-convento de Santa Thereza, dos frades carmelitas, egualmente visada pela furia dos incendiarios. 3 — Um dos muitos automoveis incendiados, em signal de protesto, pelos republicanos, defronte do Circulo Monarchico Independente.

POR PEDRO CALMON

A esquadra imperial, conquistada Corrientes em 15 de Maio, fundeára na foz do arroio cinco léguas abaixo. O chefe Barrozo tinha ás suas ordens nove barcos. Tremulava a insignia do commando no tôpo da mezena da "Amazonas". A 10 de Junho — era em 1865 — Lopez expediu, para bater a frota do Brasil, toda a marinha da Republica. Comprehendia sete vapores e sete chatas de reboque, com as suas peças de forte calibre. Não mandou o commodoro Mezza destruir os navios brasileiros, mas surprehendel-os. Lopez disséra: "Ide e trazei-me os navios brasileiros".

Pensava passar-lhes cabos e safal-os do seu fundeadouro ao impulso das machinas. A surpreza, a corrente, a tréva, os parceis, o conhecimento daquella navegação tormentosa multiplicavam o seu poder offensivo: ao anoitecer de 10 a esquadra paraguaya se arrojou de Humaytá rio abaixo, a toda força, para abordar e aprisionar o adversario antes que elle se désse conta da situação. Mas um dos vapores desarranjou-se na marcha, os outros o aguardaram de fogos abafados e já era dia claro quando o casario de Corrientes se esfumou na neblina.

Escalava á dianteira a "Mearim": ella presentiu por primeiro o inimigo. Amanhecera um dia nebuloso e frio; de leve, um vento manso que soprava do norte esgarçara a cortina do nevoeiro, que descia das barrancas vermelhas escondendo o céu, as baterias mascaradas nas margens, a população de fuzileiros debruçada, com as suas barretinas escarlates, sobre o rio silencioso. Armava-se no tombadilho da "Amazonas" o altar para a missa da Trindade. Quando a "Mearim" suspendeu o signal de "Inimigo á vista" dissipara-se a garôa, e o firmamento, com os seus largos recórtes azues de louça, reflectia na agua corrente. Barrozo assomou ao gradil do passadiço, e as flammulas signaleiras riram pelas adriças, drapejando á aragem: "Preparar para o combate" — "Safa geral" — "Espertar o fogo das machinas" — "Largar amarra". E do fundo do silencio e da tranquillidade da manhã um clamor de tambores e clarins rebentou, como se de repente todos os genios da guerra se tivessem libertado e até ás canhoneiras de páu transmittissem a vibração das almas. As bandeiras estenderam a sombra inquieta sobre o rio e as espadas dos officiaes brilharam nos convézes. Na ponte de commando da capitanea, o chefe Barrozo dirigia a manobra. As suas barbas vastas ondulavam sacudidas pelo vento e o seu perfil soberbo crescia no espaço: elle falava a linguagem colorida dos signaes, e debaixo dos seus pés solidos a "Amazonas" arfava.

Os navios de Mezza vêm a 12 milhas por hora, singrando velozmente a agua raza e turva. Barrozo grita a sua recommendação suprema: **o Brasil espera que cada um cumpra o seu dever.** E' o guarda marinha Coutinho quem iça a bandeira enxadrezada. A officialidade e a maruja olham o signal e sorriem; na solemnidade da ordem ha um resumo das emoções que os arrebatam. Ao instante pathetico se segue o frémito da acção. Barrozo manda: "Atacar e destruir o inimigo o mais perto possivel". Transforma-se a prêsa em falcão. Resfolegam as caldeiras, as rodas patinham com as pás poderosas. A esquadra move-se. Está a mil e oitocentos metros do navio-chefe paraguayo que avança, com a bandeira tricolôr pendurada do lais da carangueja. Então, emquanto aproejam em sentido opposto, os canhões atrôam e o fumo espesso abraça os contendores, protegendo-os.

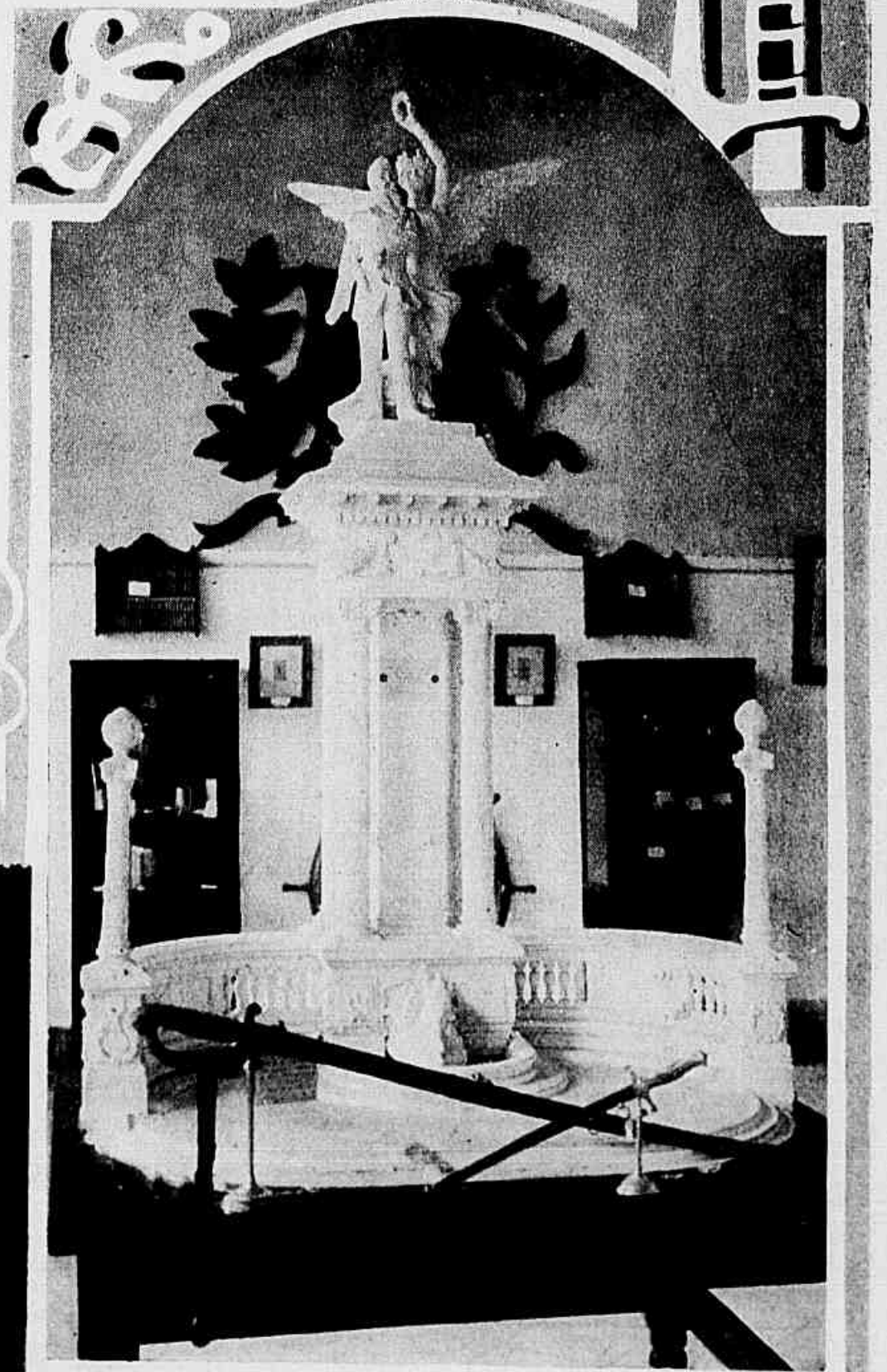
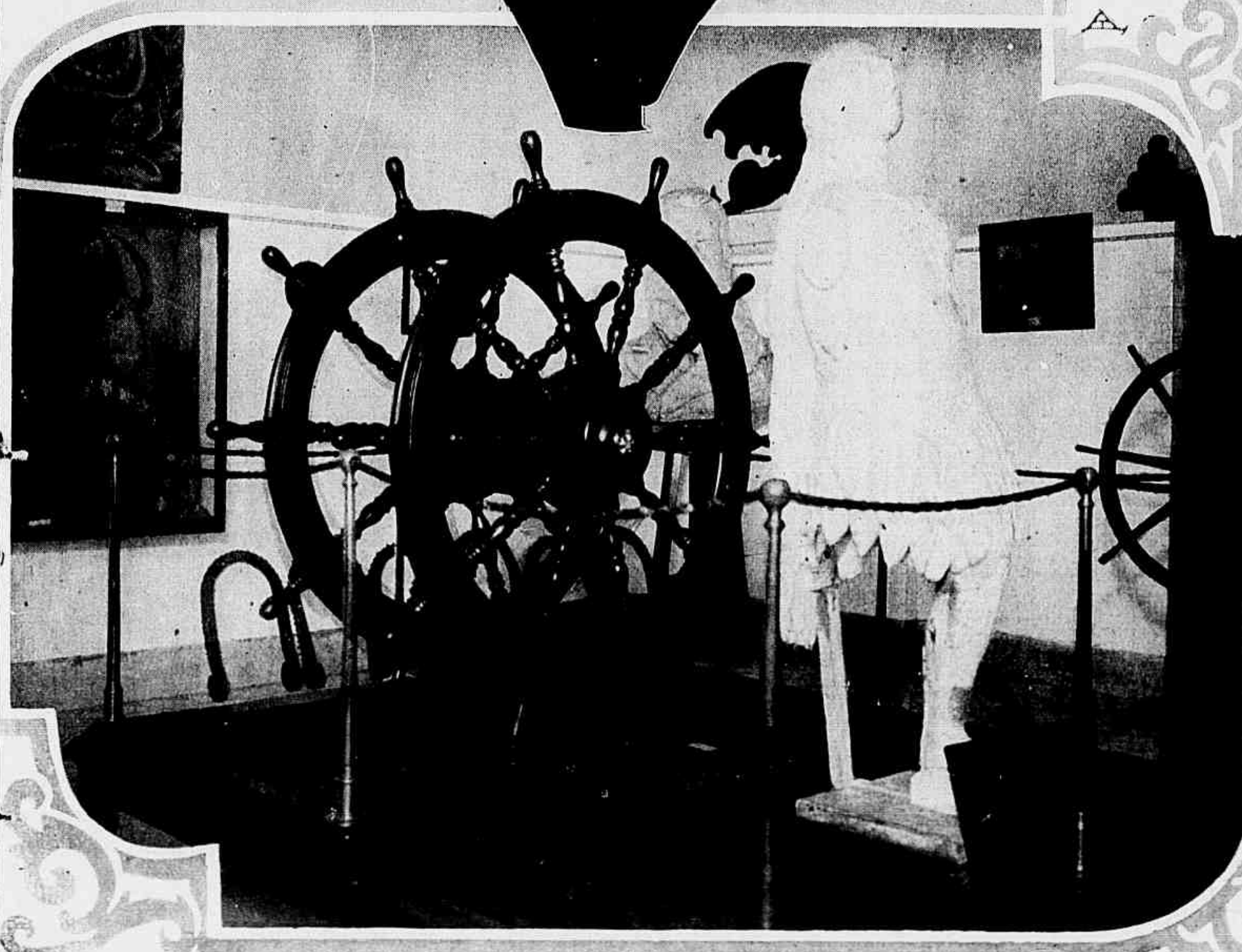
O inimigo roça a ribanceira a seu bombordo e alinha, com as chatas de permeio, atirando á superficie do rio, debaixo das baterias de terra. A armada brasileira desloca-se, volteia, tacteia o canal, rasga nas corôas que aflóram o seu sulco, varre com a metralha ribas e costados, divide-se, pela angustia do espaço, em nove unidades independentes. A epopéa transmu-

RIACHUELO

O BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMPRA O SEU DEVER!

da-se em drama. A caçada ao navio modifica-se em caçada ao homem. Os canhões calam e as espingardas crepitam. A tropa de abordagem, de sabre em punho, attesta as amuras e os velhos episodios das batalhas de outr'ora, quando as galeras abalrôavam para que os marinheiros se degollassem á arma branca, lembram de novo a Barrozo 1827, Juncal, o brigue "Januaria"... e se transportam para o escasso inferno daquelle rio onde as canhoneiras encalham, os caçadores de terra espingardeiam a marinhagem e Bruguez, lá no alto, na sua crista de paredão, dirige como um maestro a orchestra da artilharia. A "Parnahyba", immobilizada, tem tres vapores que lhe despejam gente. O seu commandante, Antonio Garcindo Gomes de Sá, atirára-a, já desgovernada, sobre o "Paraguary", e furara-o como Tagetthof na batalha de Lissa. A "Jequitinhonha" defende-se do "Taquary", onde o chefe Mezza hasteia o pavilhão. A "Amazonas", seguida do "Beberibe", soccorre a "Parnahyba", que é um pequeno scenario de tragédia e gloria, remoinhando 500 paraguayos semi-nús na coberta estrafegada pela metralha de escantilhão com os tripulantes, que não cedem e morrem acutilando. A "Amazonas" investe. E' um formoso vapor de prôa altaneira, com as peças montadas em leque no convéz, a madeira do costado barreada de ferragem, uma figura de india moça, com a larga cara tapuya, sob a bujarrona, pousando nas hastes do esporão de ferro... Abica no "Jejuhy" e corta-o ao meio pelo estibordo Recúa, torna a remontar a corrente, precipita-se sobre o "Marquez de Olinda" (de cuja prôa os paraguayos não tinham ainda retirado o busto condecorado de Pedro de Araujo Lima), atira-o de encontro ao barranco, despedaça-lhe as obras vivas; e volve contra o "Salto" a quilha irresistivel. O choque é tremendo, porque o ariête da "Amazonas" fére a meia-náo, esburacando roda, apparelhos e camarotes; pelo rombo a agua entra, o rio cobre-se de naufragos, que se afogam, agarrados aos estilhaços da frota dizimadas, e só então as canhoneiras, que se livram do tiro das chatas arrazando-as de través, entendem o ultimo signal de Barrozo: **sustentar o fogo que a victoria é nossa**.

Escoaram-se seis horas de odio, de sangue, de desespero e de morte. A tarde de 11 de Junho cahiu suavemente sobre a victoria, chanfrada de oiro: e na armada brasileira se diz que foi o mais bello crepusculo que ella ainda viu.

PEDRO CALMON

O Almirante Barrozo
(Desenho de Alberto Lima)

Vêem-se nestas paginas: 1 — A estatua do almirante Barrozo. 2 — Ariete da fragata "Amazonas", que decidiu da victoria de Riachuelo. 3 — Figura de prôa do vapor "Marquez de Olinda", cuja apprehensão pelo governo de Solano Lopez deu causa á guerra do Paraguay. Foi posto a pique com a frota paraguaya, a que fôra incorporado. 4 — Farda do capitão-tenente Theotonio de Brito, o heroico commandante da fragata "Amazonas" em 11 de Junho. 5 — Fiel reproducção da "Amazonas", com a madeira do proprio navio, feita no antigo Arsenal de Guerra. 6 — Leme e figura de prôa da fragata "Amazonas". Na roda do leme figura a condecoração do Cruzeiro com que foi agraciado o navio depois da batalha de Riachuelo. 7 — *Maquette* da estatua do almirante Barrozo, de autoria do architecto Morales de los Rios. Vêem-se ainda na gravura a espada do commandante Theotonio de Brito e o espadim do guarda-marinha José Ignacio da Silva Coutinho, que içou a bordo da "Amazonas" o signal: "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever". (Todas essas reliquias pertencem á preciosa collecção do Museu Historico Nacional.)

O Antigo Arsenal de Guerra

por Escragnolle Doria

NOTICIAS de imprensa acabam de celebrar o centenario de prestante servidor do Estado, no regimen monarchico, o marechal de campo Aires Antonio de Moraes Ancora, nascido em Pernambuco, cidade do Recife, a 21 de Maio de 1831.

Filho de militar, o tenente general Firmino Herculano de Moraes Ancora, aos dezesseis annos Aires Ancora iniciava-se na carreira paterna, verificando praça, matriculando-se na Escola Militar da Côrte do Rio de Janeiro.

Terminado curso e classificado num corpo desapparecido do Exercito—o estado-maior de 1.ª classe — quando a monarchia levou sumiço, Aires Ancora começou a servir a nação, para servil-a depois por mais de quarenta annos, de capitão a coronel sempre promovido por merecimento.

Na guerra do Paraguay participou dos estados-maiores de Polydoro e Caxias, dous homens que a qualquer homem não dispensavam confiança.

Culto, possuindo varios idiomas, subio Aires Ancora na carreira militar até ao marechalato de campo e ao assento como conselheiro de guerra, honra também do pae, no Conselho Supremo Militar de Justiça. Outras distincções lhe foram concedidas, assim a tão ambicionada venera do Cruzeiro, a poucos distribuida, grande dignitario da Rosa e o cargo de veador da Imperatriz.

Achava-se Aires Ancora na Europa, zelando compras de armamento e mais material bellico, quando na America do Brasil se proclamou a Republica. Apressou-se Ancora em pedir demissão e reforma, negadas por Deodoro. Pouco depois, a 30 de Janeiro de 1890, fallecia em Paris para vir ter sepultura em terra patria, no Rio de Janeiro.

Preenchera bem e utilmente existencia. Nella dezoito annos se assignalaram, porém, no exercicio de cargo espinhoso, não para qualquer, o de director do Arsenal de Guerra da Côrte.

Por muito tempo, á nossa beira-mar, na sua linha fortificada, o Arsenal de Guerra deu realidade ao aviso de Varnhagen nas paginas da *Historia Geral do Brasil*.

"Temos para nós — disse o historiador tão citado — que, quando o inimigo nos ameaça, ha que prepararmo-nos para o receber á porta de casa e não dentro d'ella para nos matar com as nossas armas."

O Rio de Janeiro, desde o raiar do seculo XVI, foi cobiçado e Portugal sempre se mostrou disposto, desde Mem e Estacio de Sá, a não deixar Guanabara desapercebida de repulsa a invasores.

Construio no Rio de Janeiro a gente portugueza, disposta a não soffrer alheios no seu, uma bateria— a de S. Thiago—cujos tiros deveriam cruzar-se com os fogos de Villegaignon na defesa da praia de Santa Luzia, antiga da Piassaba.

Em torno da fortificação foram se ajuntando varias edificações, de natureza e fins differentes: aqui o calabouço, além o quartel da guarda vice-real, alli a Casa do Trem, nome primitivo do Arsenal de Guerra.

Por mais de tres seculos, o antigo Arsenal de Guerra viveu para protecção da capital, nascido elle, segundo Abreu Lima (a *Synopsis*), das ordens do vice-rei conde da Cunha; conforme Pizarro, nas *Memorias Historicas*, da vontade e obra de outro vice-rei cujo nome devia dar supplicio a gagos, d. Luiz de Almeida Soares Eça de Alarcão Mello Silva e Mascarenhas.

Entretanto no velho arsenal a epigraphia, por voz de inscripção latina, dizia ter sido a casa militar edificada no anno do Senhor de 1762, pelo conde de Bobadella, empunhando o sceptro lusitano D. José I "exemplo dos reis e magna honra do orbe".

O antigo Arsenal de Guerra: o portão de Minerva.

De tanto póde discordar a Historia, a epigraphia mais corteză.

Em nossas guerras civis ou externas, ao portão do Arsenal de Guerra veio bater o poder publico e a campanha do Paraguay amiudou as batidelas. Na constancia da guerra sustentada pelo Brasil, ao lado de duas nações sul-americanas, contra Solano Lopez, os arsenaes de guerra e marinha do Rio de Janeiro foram centros de acitvdade diurna e nocturna, na magnitude dos sacrificios da nação. Hoje objurgam a guerra do Paraguay quantos não lhe estudam bem as causas, nem conhecem o mal do tyranno Lopez, nosso agressor com desgarre. Haviamos de applaudil-o e não de repellil-o, a elle, jamais modelado pelos homens honestos, pelo contrario refinado em maldade! Que o defendam os seus, ah! sim; que o defendamos nós, oh! não!

Durante a guerra movida ao governo de Lopez, o Arsenal de Guerra da Côrte teve o papel por todos facilmente comprehendido, dada a denominação do estabelecimento.

De organização assás complexa, funcciona servido por pessoal numeroso — secretaria, agencia, almoxarifado de tres classes, corpo de menores e mestrança.

O marechal Moraes Ancora, director do Arsenal de Guerra.

Devendo o Arsenal attender a multiplas necessidades do exercito, não eram poucas n'elle as officinas, de natureza variada, com o seu cortejo de mestres, contra-mestres, apparelhadores, gravadores, operarios e aprendizes.

No recinto das officinas do Arsenal multiplas profissões se encontravam quaes as de tanoeiros, alfaiates, pintores, ferreiros, constructores, machinistas, coronheiros, officiaes de obra branca, espingardeiros.

Uma dependencia do Arsenal de Guerra d'elle distava, ás ordens do terceiro ajudante do Arsenal, a fabrica de armas de funccionamento na fortaleza da Conceição, provida de officinas especiaes de espingardeiros e coronheiros.

Finda a guerra do Paraguay, que tantas vidas nos levou, a reforma do Arsenal de Guerra da Côrte foi tida por indispensavel e realizada em fins de Outubro de 1872, ministro da Guerra o deputado bahiano Oliveira Junqueira.

Nomeado para dirigir o Arsenal Aires Moraes Ancora, nelle encontrou a instituição, de tanta efficiencia entre as cousas bellicas, o administrador cuja felicidade e continuidade de acção deviam assegurar ao Arsenal annos de proveitoso governo.

Dividido ficou o estabelecimento em tres secções, duas no proprio Arsenal, terceira externa, a da fabrica de armas da fortaleza da Conceição.

Uma das secções do Arsenal abrangia a companhia de aprendizes artifices, mais popularmente conhecida pelos menores do Arsenal de Guerra.

Recolhia muito infancia, de pouco ou de nenhum amparo. Os menores do Arsenal de Guerra, trajando fardinha popular na cidade e que os realçava perante companheiros menos felizes, recebiam instrucção primaria sufficiente. Ganhavam o supplemento da aprendizagem de officio destinado a sustental-os na luta pela vida, caso não quizessem passar a servir no exercito, preferindo muitos o deposito de aprendizes artilheiros, de séde na fortaleza de S. João.

Alguns menores do Arsenal de Guerra chegaram a tanto no exercito que nelle receberam o tratamento de "senhor general".

A banda de musica dos menores do Arsenal, no seu tempo, gozou da fama mais tarde herdada pela do Corpo de Bombeiros e ainda mais tarde pela banda da Escola Militar, sem esquecer as bandas da Marinha.

Para dizer assignaladamente do merito do conjunto musical dos menores do Arsenal basta citar um facto. Recordam-se muitos que vivem hoje n'esta cidade e n'ella existiram em tempos de libra esterlina a oito mil réis e chicara de café a quarenta réis. Recordam-se os ex-felizes do celebre baile da Ilha Fiscal, nas vesperas da proclamação da Republica, festa offerecida a officiaes da marinha chilena de passagem pelo nosso porto.

No baile da Ilha Fiscal congregou-se o escól do Rio de Janeiro, quando o ministerio Ouro Preto parecia um pouco tirado das difficuldades da questão militar.

Pois bem, a banda de musica dos menores do Arsenal de Guerra foi convidada para abrilhantar a noite historica do baile da Fiscal, terminado com alguns salpicos de chuva como lagrimas presagas sobre a sórte da monarchia. Mal sabia a banda, no alegre das harmonias, quanto eram funebres as valsas e polkas com as quaes punha a girar os pares da melhor sociedade carioca, presente a familia imperial em peso.

D'ahi a dias, a 15 de Novembro de 1889, sahia tropa do Arsenal, rumo do Campo de Santa Anna, para defender a monarchia, regressando tendo prestado continencia á Republica.

De scena historica seria theatro o Arsenal de Guerra, exposto ás balas da marinha na campanha da revolta naval de 1893 na bahia do Rio de Janeiro.

Logo depois de cessada a luta, que dividio a cidade em dous partidos, custodistas e florianistas, o Arsenal chamou a attenção publica por occasião e motivo da tentativa de assassinio do terceiro presidente da Republica, Prudente de Moraes.

Desembarcara este na doca do Arsenal, vindo do vapor *Espirito Santo* onde fôra receber forças do exercito tornadas da expedição de Canudos, de tão heroica memoria para os jagunços. Alli desenvolveram tactica militar hoje admirada por gente européa da arte da guerra.

Caminhava Prudente de Moraes pelo centro do Arsenal, ia perto de portão mythologicamente chamado de Minerva, tendo á sua direita o marechal Machado Bittencourt, ministro da Guerra, á esquerda o coronel Mendes de Moraes.

Um grupo ergue vivas a Floriano, outro vivas a Prudente, sôa o hymno nacional em vão chamando á concordia.

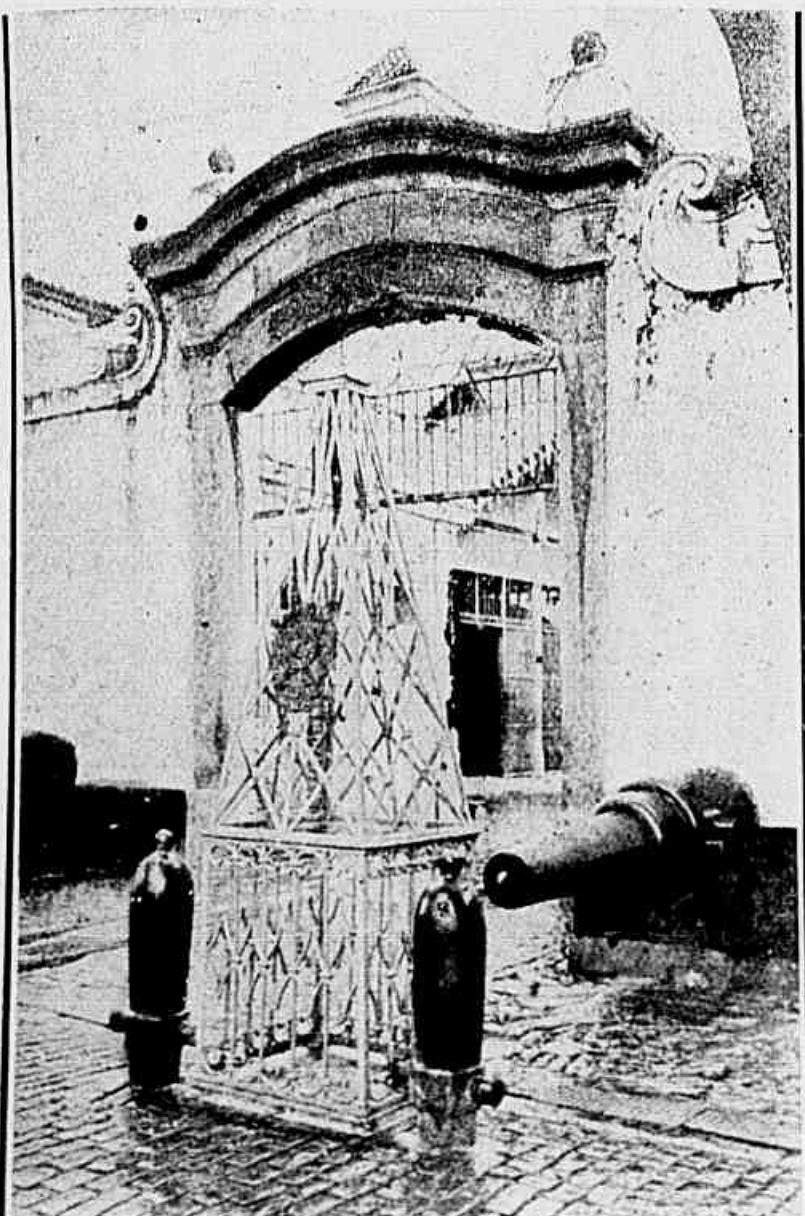
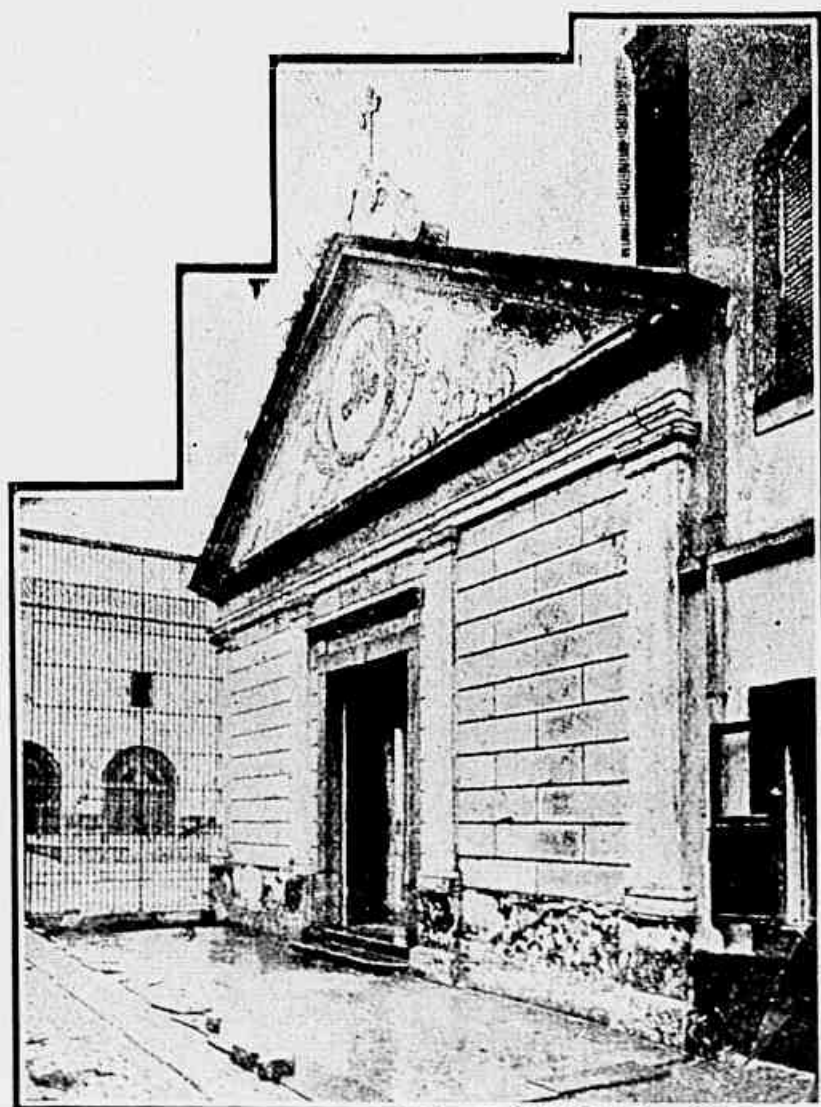
Um soldado adianta-se, afasta o ministro, aponta garrucha contra o presidente e este com o chapéu desvia a arma. Sobre o soldado, o anspeçada do 10.º de infantaria Marcellino Bispo, cae a espada do coronel Mendes de Moraes.

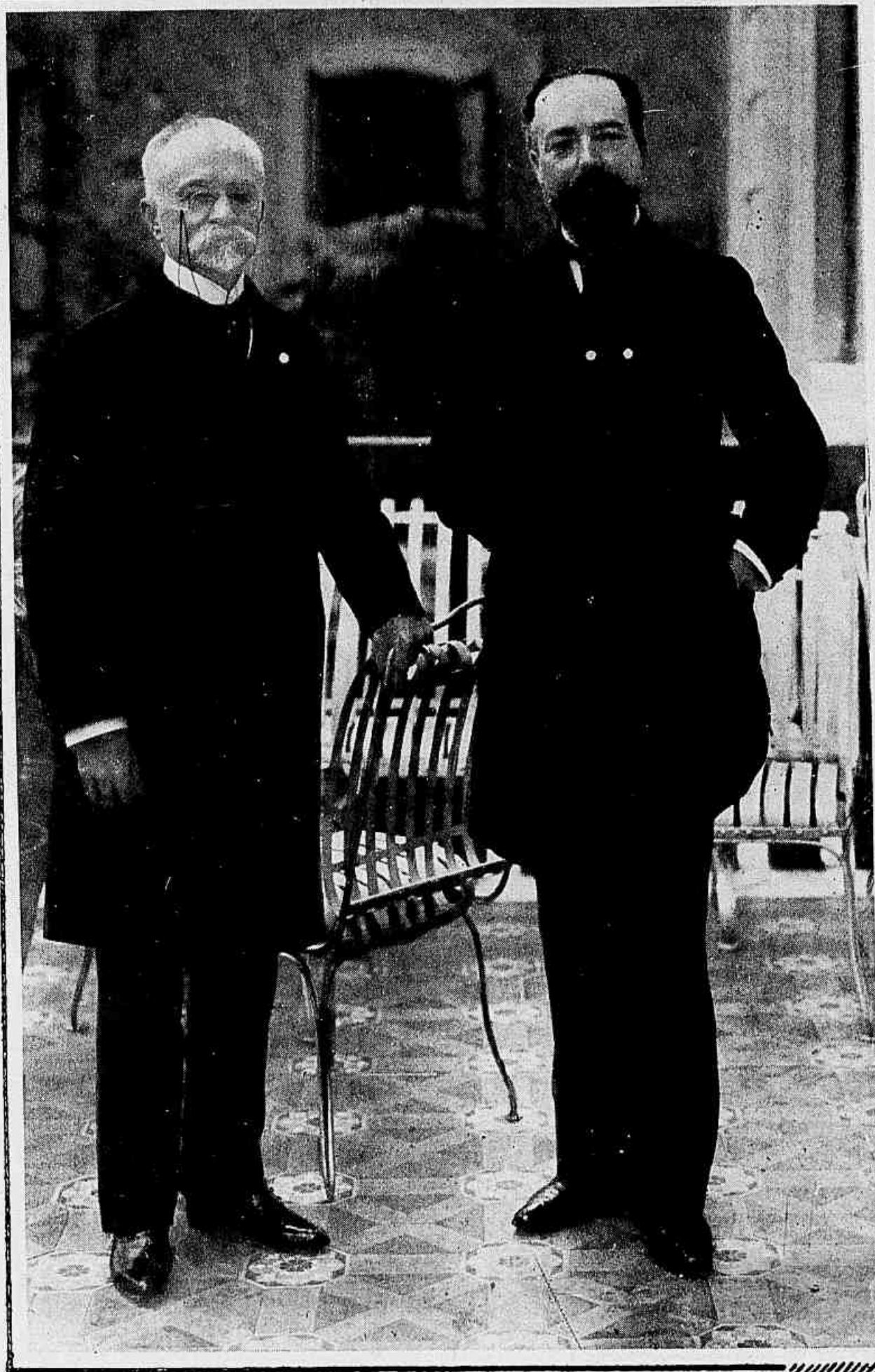
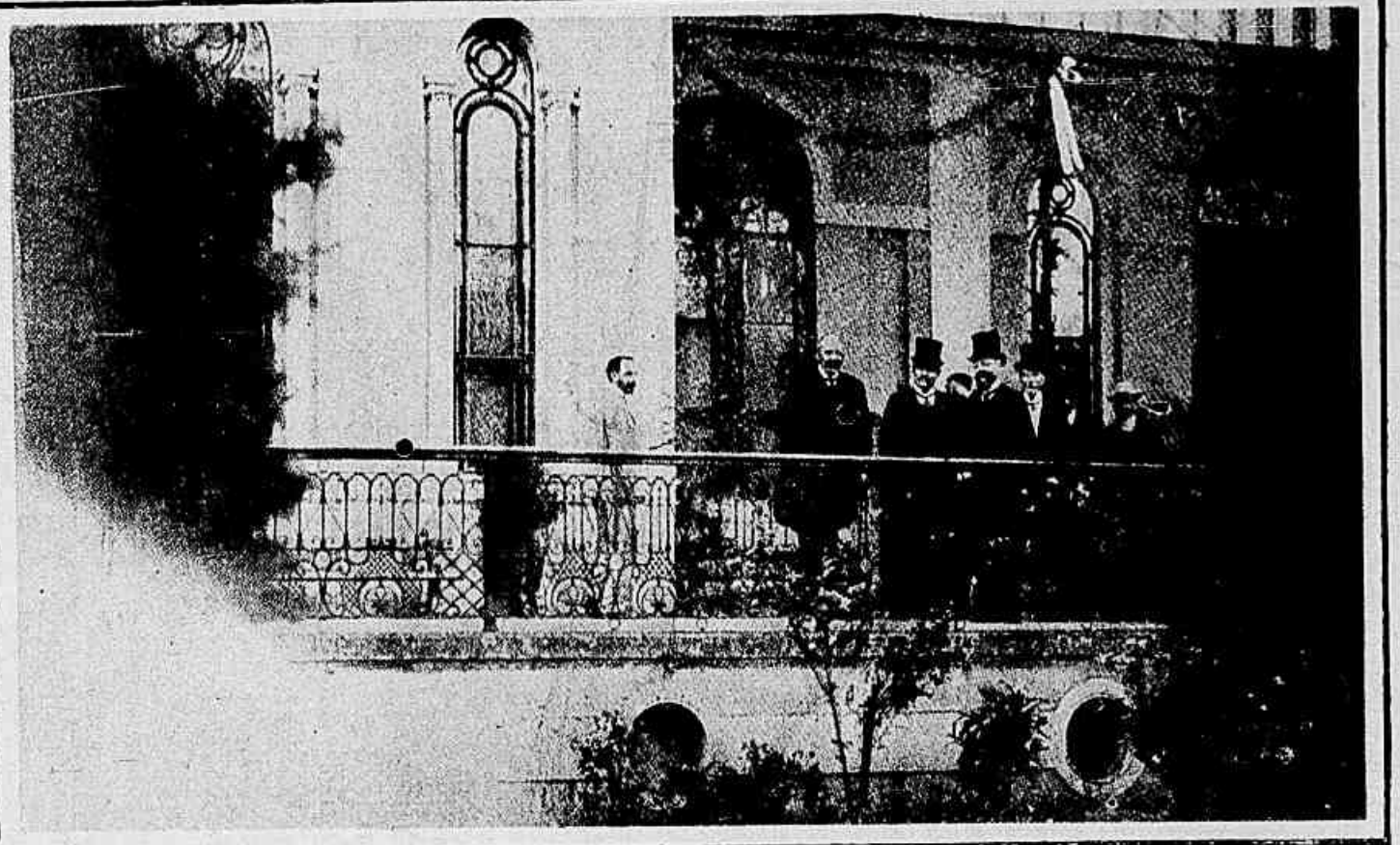
Marcellino, subjugado, tentando debalde servir-se do seu sabre, lança mão de afiadissimo canivete-punhal.

Golpeia, com e no desespero; o ministro da Guerra recebe quatro ferimentos, outros são rasgados no coronel Mendes de Moraes, no alferes João Manoel de Faria e n'uma praça de policia.

Finda a luta, o assassino é preso, trata-se de pensar os feridos, d'elles o mais attingido o marechal Bittencourt. O Arsenal borborinha de curiosos, a noticia do attentado vôa para a cidade inteira e, pelos fios telegraphicos, se espalha pelo Brazil.

O ministro da Guerra expira, transportam-o para a capella do Arsenal onde jouvera o cadaver embalsamado de Osorio.

O velho Arsenal ainda viveu algum tempo. No seu pateo pesava *El Cristiano*, o canhão mandado fundir por Solano Lopez com o bronze dos sinos de Assumpção. A herma do marechal Bittencourt ficou sob as arvores do pateo, uma placa assignalando o local onde elle tombára. Na vizinhança do Arsenal tudo ia desapparecendo ou já desapparecera: o quartel do Moura, o chafariz do conde de Rezende, o Necroterio. A exposição do centenario de 1822 acabou com o velho Arsenal.

O antigo Arsenal de Guerra: a capella, onde estiveram os restos mortaes de Osorio e Carlos Gomes.

Paul Doumer no Brasil

O então Presidente do Brasil, dr. Affonso Penna, ao lado do illustre visitante que vinte e quatro annos depois viria a ser eleito Presidente da Republica Franceza.

Mr. Doumer em S. Paulo, no palacete do sr. conde de Prates, onde se hospedou. Junto a s. ex. acham-se os srs. dr. Carlos Botelho e dr. Gustavo Godoy, secretarios da Agricultura e do Interior, naquella época.

Mr. Doumer ao lado do secretario da Agricultura, no jardim do palacete do sr. conde de Prates.

Instantaneo tirado no antigo Largo do Paço, por occasião do desembarque do eminente estadista francez. Vê-se ao centro o Barão do Rio Branco.

Mr. Doumer colhendo café na Fazenda Santa Gertrudes, de propriedade do conde de Prates. Vêem-se, segurando o panno, madame Dumarvin e madame Jacques Dupas, esposa e filha do consul francez em S. Paulo.

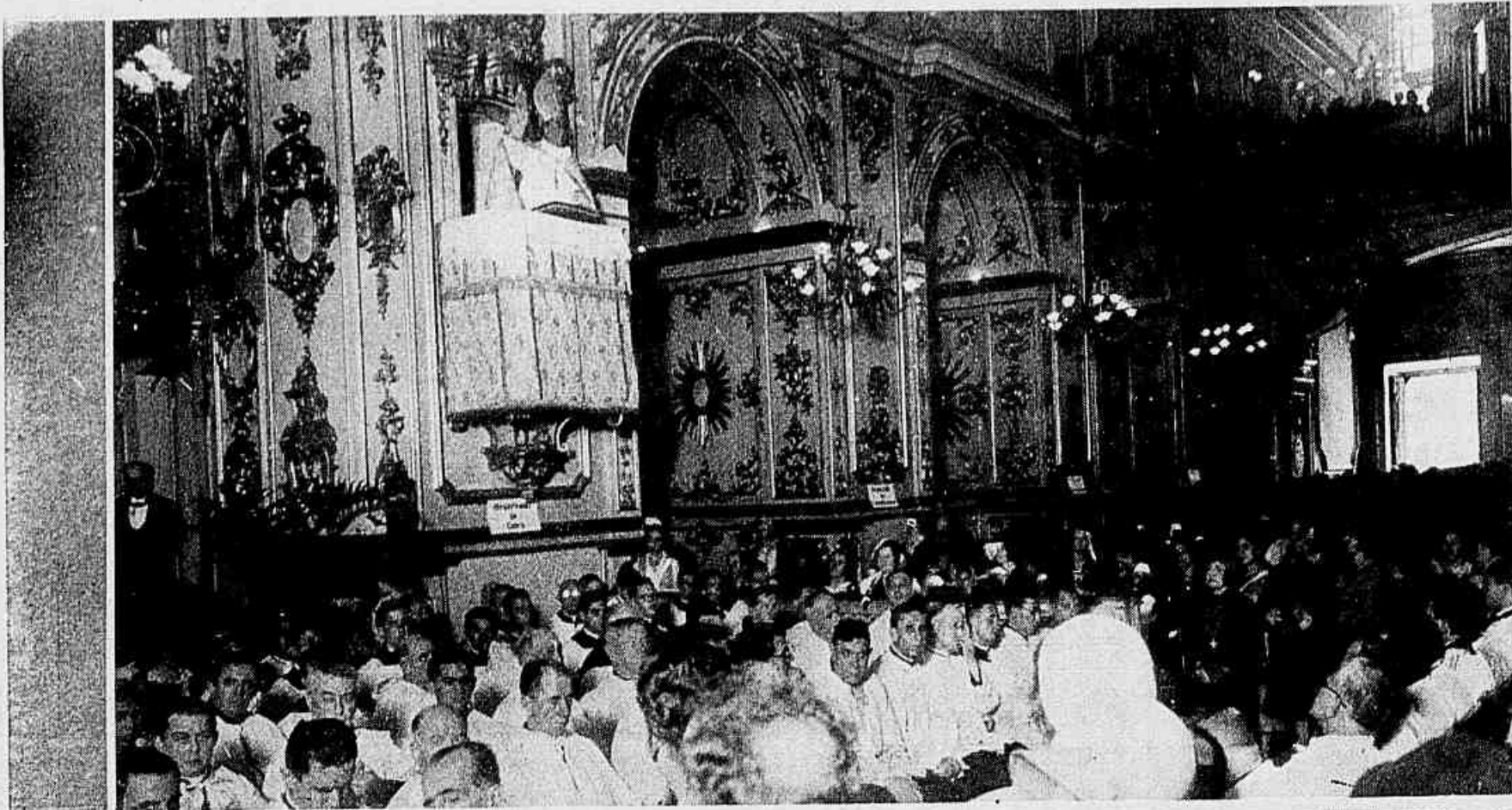
A figura do eminente estadista, que no dia 13 deste mez vae assumir a Presidencia da Republica Franceza, succedendo a Mr. Doumergue, não é desconhecida no Brasil, onde o seu renome já chegou enaltecido por uma fama muito justa de intelligencia brilhante e fecundo valor parlamentar.

Paul Doumer, acompanhado de sua comitiva, aqui esteve em 1907, durante o quadriennio do saudoso presidente Affonso Penna.

O governo brasileiro recebeu-o com todas as honras inherentes ás suas altas prerogativas, sendo então ministro das Relações Exteriores o grande barão do Rio Branco, que aliás se vê na gravura immediatamente superior.

O actual presidente eleito da França extendeu nessa época a sua visita ao Paraná e S. Paulo, cujas melhores fazendas de café percorreu enthusiasmado, ao lado do então ministro da Agricultura desse Estado, dr. Carlos Botelho.

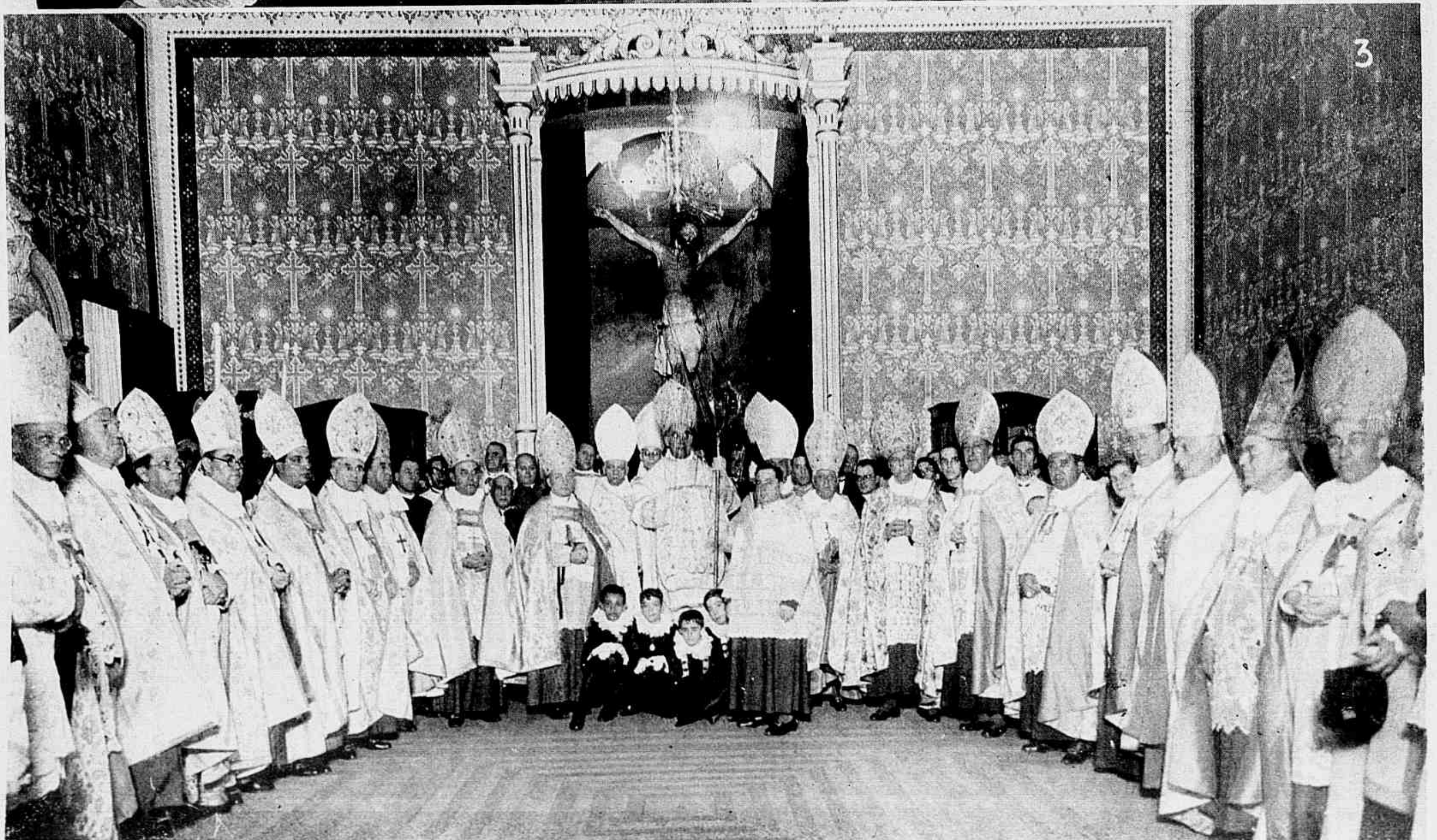
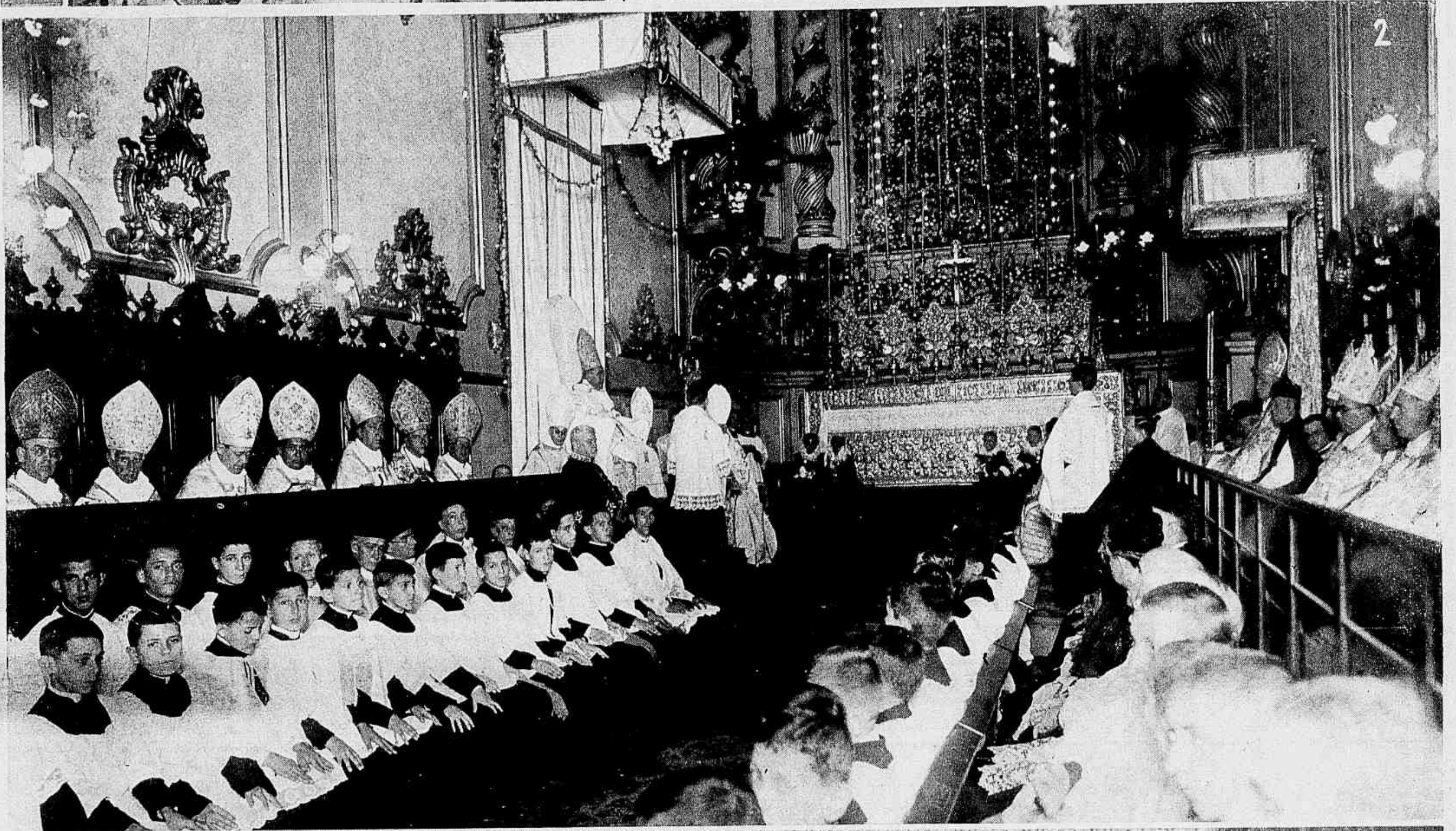
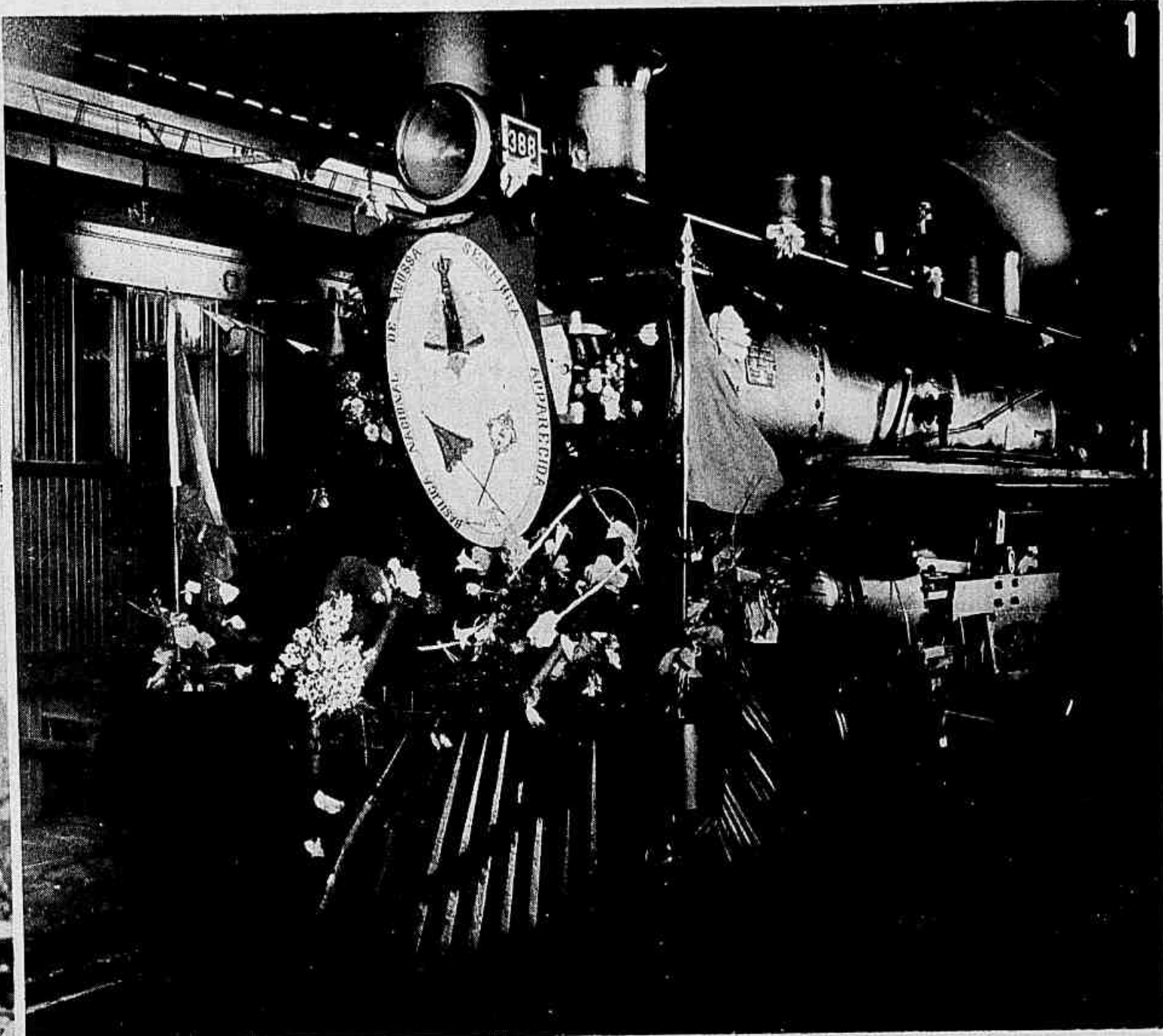
A visita de Paul Doumer ao Brasil coincidiu com a de Guillelmo Ferrero, dois vultos destacados, e a que os annos posteriores se incumbiriam de dar excepcional relevo.

Reproduzimos nesta pagina as photographias publicadas na REVISTA DA SEMANA de 29 de Setembro de 1907, o que fazemos com grande desvanecimento, lembrando que o Brasil já mereceu a honra da visita do illustre estadista que no momento focaliza as attenções universaes, por motivo da sua alta investidura no cargo de Presidente da gloriosa nação franceza, á qual se acha o Brasil unido por tantos laços de estima e espiritualidade.

O Solenne Pontifical na Cathedral Metropolitana

CELEBROU-SE na Cathedral Metropolitana o majestoso Pontifical, em que o Brasil foi officialmente consagrado a Nossa Senhora da Conceição Apparecida, Rainha e Padroeira do Brasil.

Vêem-se nesta pagina aspectos da augusta ceremonia, que foi presidida por S. Eminencia o Cardeal d. Sebastião Leme, com o concurso de dezesete bispos e altas figuras do clero, do corpo diplomatico e da alta sociedade carioca.

2

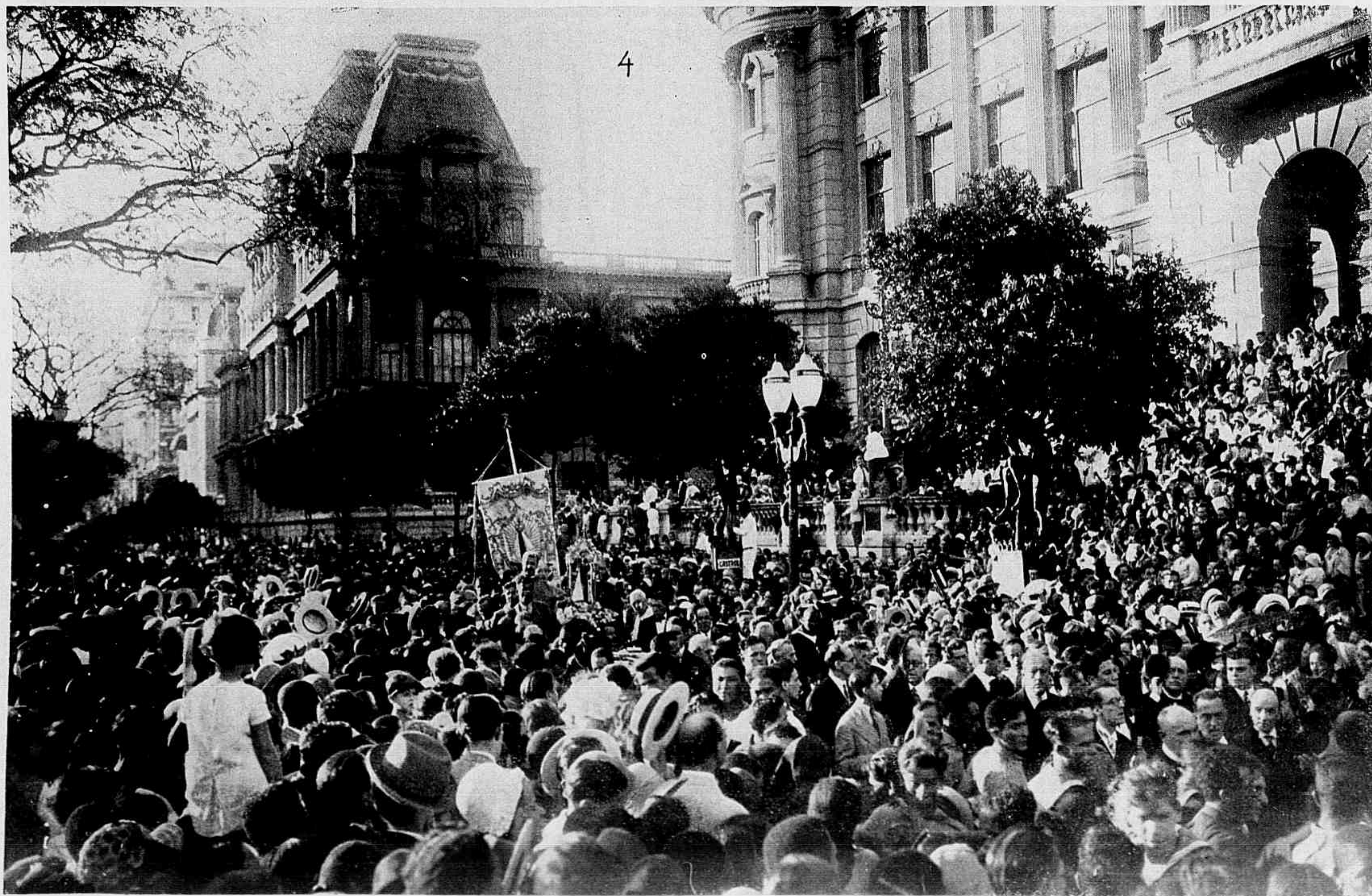
3

A chegada ao Rio de N. S. Apparecida

1 — A locomotiva do trem-santuario, na plataforma da Central, ostentando o escudo de Nossa Senhora Apparecida. 2 — S. Em. o cardeal d. Sebastião Leme, ao dirigir eloquentes palavras de fé e de exaltação religiosa, ao povo agglomerado no Campo de Sant'Anna. 3 — S. Ex. Revma. o arcebispo de S. Paulo, tendo nas mãos a imagem sagrada. 4 — A multidão, em frente á Estação Pedro II.

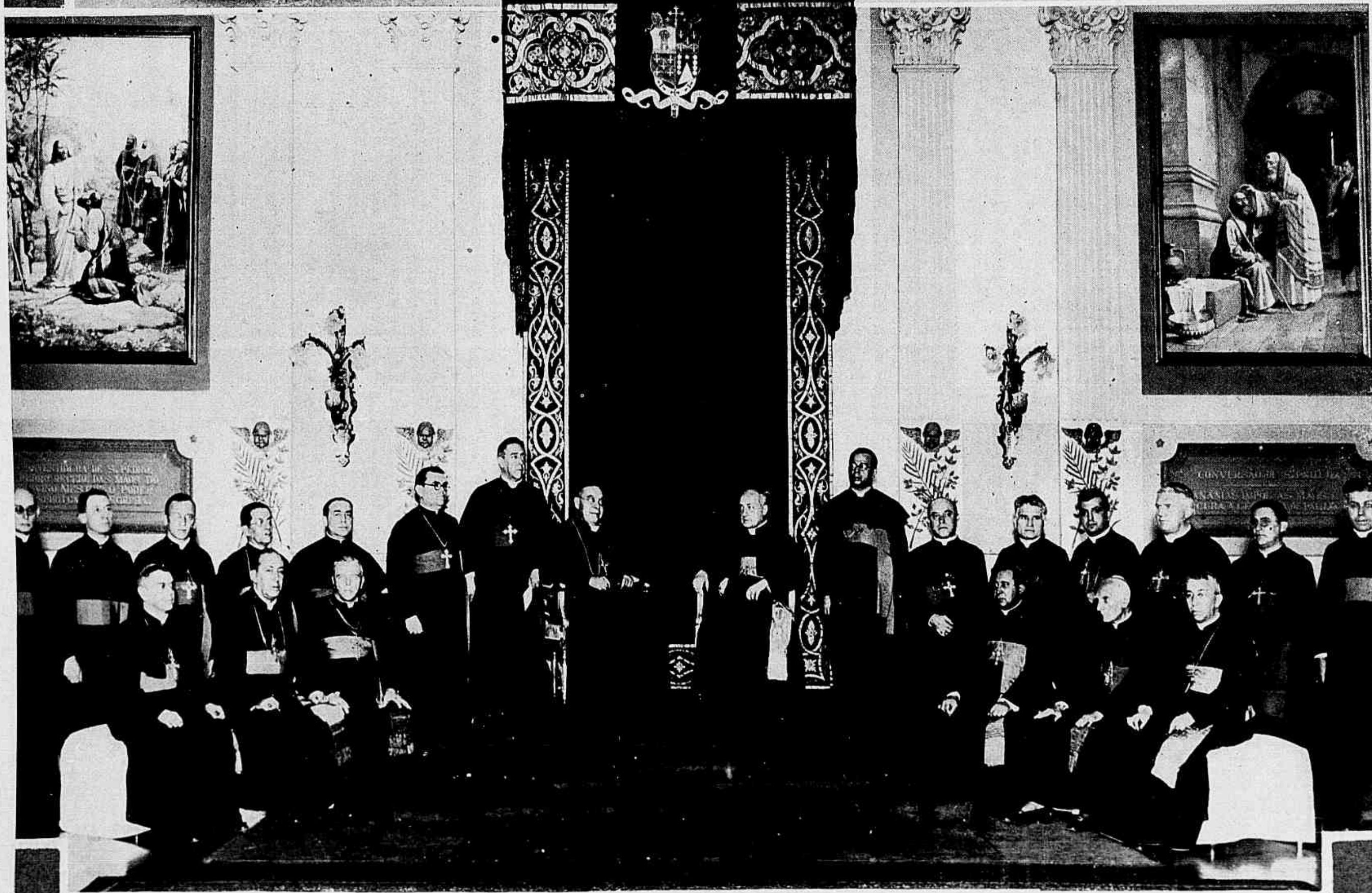
A missa campal no Largo de S. Francisco

1 — O largo de S. Francisco de Paula durante a celebração da solenne missa campal. 2 — O altar improvisado á porta central da Igreja. 3 — O cardeal d. Sebastião Leme, o seu secretario e o arcebispo de S. Paulo junto á imagem da Padroeira do Brasil. 4 e 5 — Aspectos da multidão, durante a ceremonia e quando, levantando a mão direita, prestava fidelidade a Christo Rei.

A população carioca nos esplendores da Fé

1 — Desfile das associações religiosas pela Avenida Rio Branco. 2 — O exmo. Nuncio Apostolico e monsenhor Rezende, ao lado de N. S. Apparecida, no automovel que conduziu a imagem sagrada. 3 — O carro-sacrario, com a guarda de honra de officiaes superiores da marinha de guerra e acompanhado por grande massa popular 4 — A procissão, ao passar defronte da Bibliotheca Nacional. Vê-se a Padroeira do Brasil assignalada pelo estandarte de Nossa Senhora Apparecida.

4

N.S. APPARECIDA NO CORAÇÃO DO BRASIL

Ao alto e em baixo, imponentes aspectos da Esplanada do Castello, vendo-se a immensa multidão, avaliada em cem mil pessôas e que, no maior fervôr religioso e reverentemente, assistiu á deslumbrante ceremonia da Coroação de N. S. Apparecida. Ao centro e no primeiro plano, o chefe do Governo Provisorio e senhora Getulio Vargas; senhora Nair de Teffé; o embaixador da Argentina, sr. Mora y Araujo, e dr. Baptista Lusardo, chefe de Policia.

Ao alto: — S. Eminencia o Cardeal d. Sebastião Leme, no Palacio do Cattete, onde foi, em companhia de todos os Bispos, agradecer ao dr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, a sua presença na augusta ceremonia da coroação de N. S. da Conceição Apparecida, Padroeira do Brasil.

Em baixo: — Os Bispos, que vieram ao Rio tomar parte na ceremonia, reunidos no Palacio S. Joaquim. Vê-se, ao fundo, presidindo á reunião, S. Eminencia o Cardeal d. Sebastião Leme e S. Exc.ª Revm.ª d. Aloysi Masella, Nuncio Apostolico.

General Isidoro Dias Lopes

Sem entrarmos na apreciação dos factos que levaram o illustre militar a não sómente abandonar

General Isidoro Dias Lopes.

as suas elevadas funcções de commandante da guarnição de S. Paulo, como tambem a demittir-se do Exercito, não podemos furtar-nos ao registro do lamentavel acontecimento, que vem privar o Exercito de um dos seus mais destacados valores e a Revolução de um dos seus vultos mais representativos.

E' realmente para encher de tristeza a todos os brasileiros ver afastar-se da actividade revolucionaria, e cheio de máguas e resentimentos, uma das maiores figuras da Revolução — grande pelo seu idealismo, só comparado ao seu sacrificio; grande pelas suas virtudes civicas e militares.

Plinio Casado

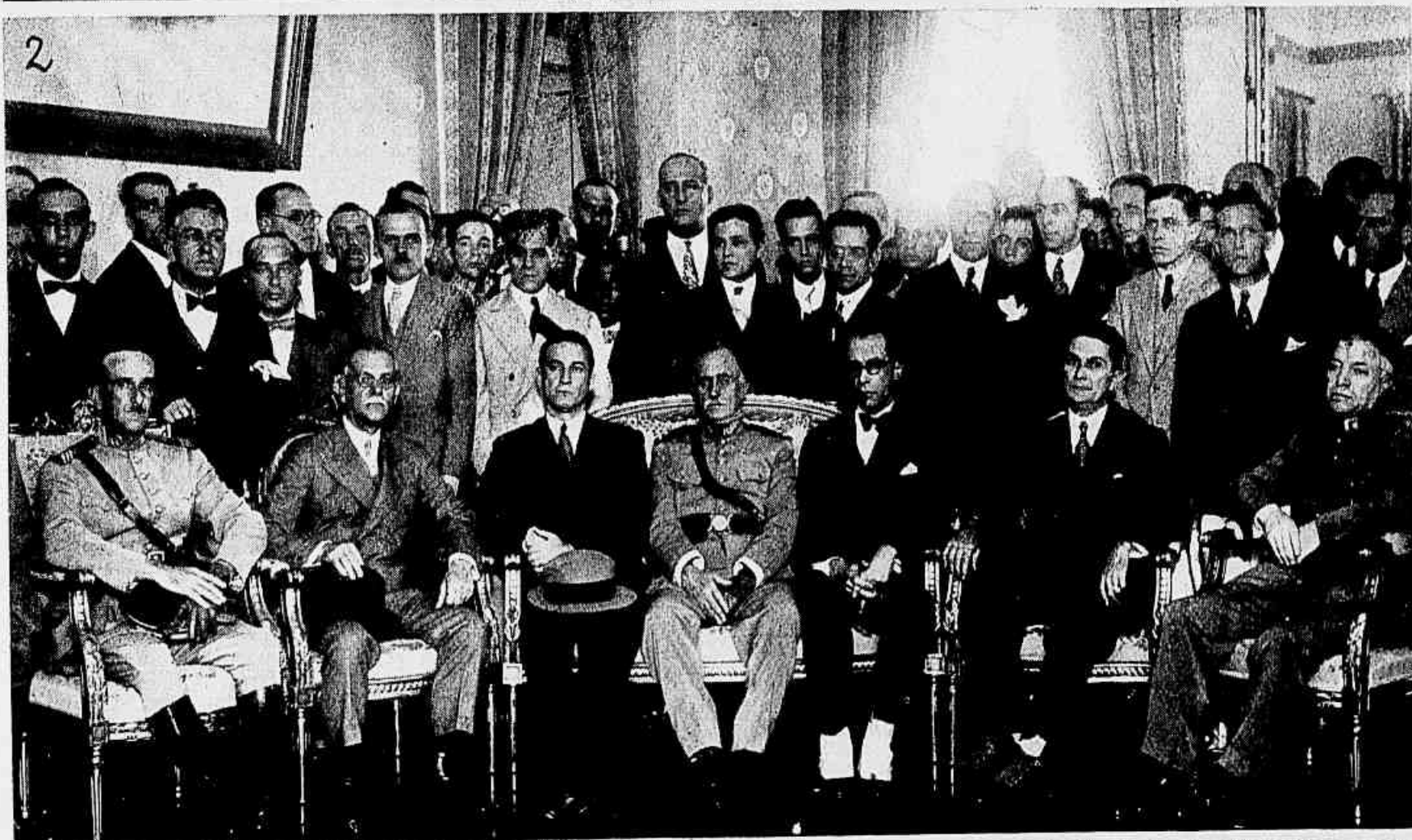
Deixou as altas funcções de Interventor no Estado do Rio o dr. Plinio Casado.

O illustre parlamentar riograndense, deixando o governo fluminense, exercido numa phase de tanta effervescencia partidaria e de tamanha trepidação politica, retórna á magistratura com a sensação de quem se vê de repente confortado pela bonança depois de ter sido sacudido pelos mais violentos redemoinhos da tempestade...

A figura austera do eminente jurista e inflammado orador vem assim encontrar uma moldura apropriada para o seu valor e cuja serenidade diz tão bem com a da Verdade e a da Justiça.

A politica perdeu definitivamente um dos seus valores mais legitimos. Em compensação, a magistratura ganhou uma intelli-

Plinio Casado.

gencia que se vae dedicar ao "ambiente de justiça de uma região alta, serena e radiosa, que Ruy Barbosa achava que devia ser mais alta que a corôa dos reis e tão pura quanto a corôa dos santos".

Ao alto: grupo feito no palacio do Ingá por occasião da posse do general Menna Barreto, novo Interventor do Estado do Rio, que se vê entre as pessôas que foram a Nictheroy assistir á transmissão do poder. Nota-se no grupo a presença do general Leite de Castro, ministro da Guerra; general Pantaleão Telles, commandante da Policia Militar, e dr. Baptista Lusardo, chefe de Policia do Districto Federal. *Ao centro:* o general Menna Barreto cercado de seus auxiliares de governo. Da direita para a esquerda: tenente-coronel Pantaleão Pessôa, secretario; dr. Nascimento Silva, chefe de Policia; dr. Edgard Costa, secretario do Interior; capitão Americano Freire, secretario das Obras Publicas; general Julio Cezar, prefeito de Nictheroy, e capitão Arnaldo Bittencourt, commandante da Policia Militar. *Em baixo:* o ex-interventor, dr. Plinio Casado, ao deixar o Palacio

General Menna Barreto

O debatido caso da nomeação do novo Interventor no Estado do Rio, depois de varios impasses

General Menna Barreto.

e protelações, teve afinal o seu desfecho definitivo com a nomeação do general Menna Barreto para substituto do dr. Plinio Casado.

As difficuldades da successão do illustre politico riograndense vinham ultimamente aggravando-se. E a todos os nomes que surgiam para o governo fluminense — Virgilio de Mello Franco, Christovão Barcellos, Pereira Lima, Fernando de Magalhães — immediatamente se succedia um véto desconcertante com um recrudescimento de obstaculos para uma fórmula conciliatoria.

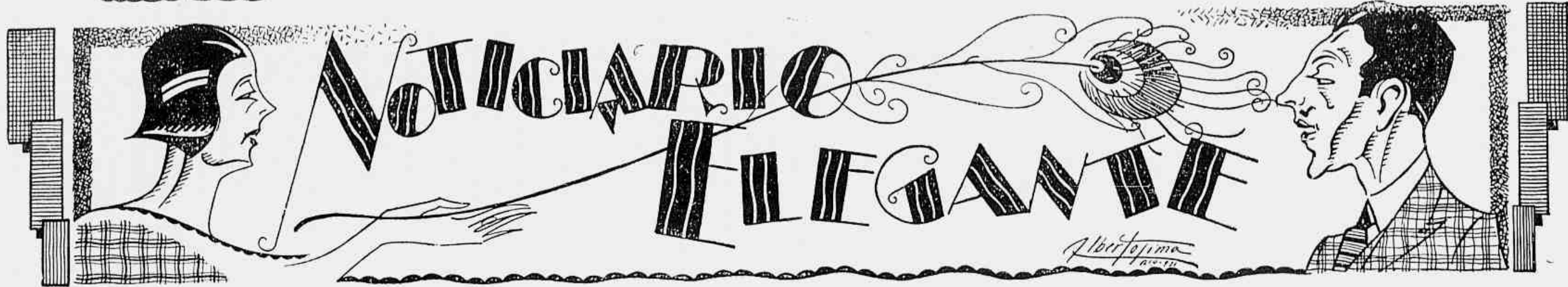
A nomeação do illustre militar, um dos vultos mais representativos da sua classe e uma das figuras de maior relevo da Revolução, veiu emfim dar ao caso fluminense uma honrosa solução de paz e de harmonia, que o Estado do Rio bem merece, em attenção ao seu futuro, em homenagem ao seu passado.

Santos Dumont

Segundo noticiam telegrammas de Europa, o excelso patricio retórna agora á terra natal, a conselho dos seus medicos assistentes, que acreditam ser de grande vantagem para a sua pertinaz doença do coração a sua permanencia prolongada no Brasil.

Se noutras circumstancias a visita do glorioso aviador seria motivo bastante para que a Patria se aproveitasse da opportunidade para lhe externar toda a sua admiração, neste momento mais justi-

Santos Dumont.

ficadas se tornam ainda todas as homenagens, por se tratar de um filho illustre que volta ao torrão patrio, já alquebrado pela doença e mais que nunca precisando de vida — vida que o Brasil lhe deu

ANNIVERSARIOS

Junho 6 — Sabbado — as sras. Elvira Magalhães, Justino Haupt e Americo Rodrigues; as senhorinhas Mary Amaral do Valle, Eugenio Octavio de Miranda, Orphisia Vieira e Alice Christiano Brasil; os drs. Torreão Roxo, Alfredo de Oliveira Lima e João Alves Borges Junior; o dr. Berbert de Castro.

Junho 7 — Domingo — as sras. Adelaide Reis, Beatriz Gomes Pinto, José Raymundo de Miranda; as senhorinhas Irene Lucio de Mendonça, Ruth Homero Baptista e Maria Silveira Netto; os drs. Rego Barros, Americo Lassance, Costa Marques e Emilio Lambert; o coronel Simplicio Luiz Cunha; o general Teixeira de Freitas.

Junho 8 — Segunda-feira — a sra. Elydia Tinoco da Costa Lima; as senhorinhas Helena Ramos, Brites Ayque de Meira e Helena de Araujo Cesar; os drs. Tarquinio de Souza Filho, Hipolito Valladares Monteiro da Silva e Norberto Ferreira; os drs. Americo Lopes e Fiel Fontes; o esculptor Antonio Pimenta; a menina Helena da Motta Pereira.

Junho 9 — Terça-feira — a sra. Nair de Teffé von Hoonholtz da Fonseca; a insigne pianista Guiomar Novaes; as senhorinhas Cecilia Teixeira Cardoso, Elza Alencar Araripe e Guiomar Alves; os srs. Primo Teixeira de Carvalho e Augusto Teixeira Bastos.

Junho 10 — Quarta-feira — as sras. Dulce Azurem Furtado, Orminda Souza Varges, Margarida Autran e Luiza Aguiar Moreira; a illustre educadora Amelia de Magalhães Lemos; a senhorinha Véra Pereira da Silva; o general Alberto Aguiar; o dr. Alfredo Ruy; as meninas Luiza Elza Massena e Alzira Moniz Telles.

Junho 11 — Quinta-feira — a sra. Maria de Lourdes Silveira de Carvalho; as senhorinhas Nadir Peçanha, Alice Abdenago Alves, Maria de Lourdes Bittencourt Pinheiro, Evangelina Fernandes; o commendador Luiz Portugal; as galantes petizas Annitinha, filha do casal Eudoro de Barros, e Elza, filhinha da senhora Mario Paranhos; o general Alexandre Leal.

Junho 12 — Sexta-feira — as sras. Maria Helena Figueiredo e Pindaro de Carvalho; as senhorinhas Célia de Carvalho, Maria Stella Pereira da Silva Jardim, Laura Carmil e Wanda Watson; o coronel João Principe; o dr. José Pessôa Valente; o brilhante e festejado escriptor João Luso, nosso querido companheiro de redacção.

NOIVADOS

— a senhorinha Elvira Guerra Maio e o sr. Antonio dos Santos Lima;

— a senhorinha Aracy Watzl e o sr. Francisco Barreto;

— a senhorinha Alda Borges Coêlho e o sr. José Pinto Almeida Cardoso;

— a senhorinha Maria da Conceição Marques e o sr. Antonio Alves Vieira;

— a senhorinha Léa Curado e o sr. Flavio Monteiro do Amaral.

CASAMENTOS

— a senhorinha Malvina Soares Leão e o sr. Heitor Martins das Neves;

— a senhorinha Ezéa Fróes da Cruz e o sr. Dario Martins Torres;

— a senhorinha Iolanda Burlini e o sr. Clovis Freitas;

— a senhorinha Mercedes Ferreira Bessa e o sr. Genesio Essinger;

— a senhorinha Dulce Rangel e o dr. Justino Carneiro;

— a senhorinha Maria do Carmo Mello Franco e o dr. José Nabuco;

— a senhorinha Maria Nazareth Pessôa e o sr. Renato Rego Calvert.

DIPLOMATAS

O ministro Grabowski, da Polonia, reuniu em dia da semana passada um grupo de amigos num jantar que transcorreu muito formoso, nos bellos salões da Legação da Polonia, em homenagem ao genial pianista polonez Arthur Rubinstein.

Foi uma reunião encantadora á qual se fizeram presentes o embaixador do Chile e senhora Novoa Valdez, o ministro do Brasil em Assunção e senhora Lucillo Bueno; o ministro da Allemanha, dr. Hubert Knipping; o encarregado de Negocios da Bolivia e senhora German Chavez, o conselheiro da Legação allemã e senhora Wolfgang Dittler; a viuva Henrique Gomm com suas filhas, senhoras Alice Bennet, Lilli Santerre Guimarães e Harry Blas Gomm; maestro Arthur Rubinstein, sr. Acyr de Nascimento Paes, sr. Maciel da Costa Leite, do Ministerio das Relações Exteriores; sr. Celso Vargas Mardones, 1.º secretario da Embaixada do Chile; sr. Czarnota Bojarski, secretario da Legação da Polonia.

Após o jantar houve uma esplendida parte musical, onde Rubinstein se fez ouvir num programma primoroso, tendo arrebatado os fidalgos convidados do illustre ministro Grabowski.

Chegaram ao Rio: — Procedente de Montevidéo, o sr. Juan Carlos Munoz, novo secretario da Legação do Uruguay nesta capital, e o coronel Ulysses Monegal, official do exercito uruguayo, que vem assumir as funcções de addido militar do Uruguay.

Pelo *Massilia*, seguio para a Europa o conde de Robien. O illustre diplomata vae assumir o novo e alto posto para que foi designado, na Delegação franceza á Liga das Nações.

O embarque do conde de Robien reuniu no Caes do Porto os grandes nomes da sociedade, da politica e da diplomacia.

OS QUE VIAJAM

Pelo *Andalucia Star*, chegou ao Rio, procedente de Buenos Aires, o sr. James Muller, vice-presidente e director geral na America do Sul da *United Press*.

O distincto viajante teve o seu desembarque muito concorrido.

Seguiu para Porto Alegre, onde dará uma série de concertos, o grande pianista Iso Elinson.

SOCIEDADE CARIOCA

Senhorinha Olga Miranda

(Photo Annunciato)

MUSICA

Realizou-se sabbado á tarde, no Theatro Municipal, o 2.º concerto de obras de Henrique Oswaldo, promovido pela Associação Brasileira de Musica e Centro Musical do Rio de Janeiro.

A sala do Municipal encheu-se dos apreciadores da bôa musica, que não regatearam applausos ao suggestivo programma.

Dentro de poucos dias o Municipal abrirá novamente as suas portas, para nos dar a ouvir a linda e dôce voz de Sofia Del Campo.

A brilhante cantora dará no nosso principal theatro uma série de concertos, para os quaes já se acha presa a attenção do nosso *grand-monde*, que certamente estará todo presente, pois que a voz da sra. Sofia Del Campo já nos é muito cara e conhecida através dos seus discos.

HORAS DE ARTE

Quinta-feira proxima, a nossa alta sociedade estará toda reunida para assistir ao esplendido recital das festejadas artistas Rosetta Costa Pinto, Léa Azeredo da Silveira, Nenê Baroukel. Donas de vozes sympathicas e crystalinas, as senhoras Costa Pinto e Léa da Silveira muitos applausos têm colhido de cada vez que se fizeram ouvir, e por tanto dispensam outros elogios nesta pequena nota.

Nenê Baroukel fórma entre as excepções. Tem um lindo talento, graça, poder interpretativo. Ouvindo-a, comprehende-se a artista, a idéa de arte se impõe. Não se vê alli Bilac, Vicente de Carvalho ou Guilherme de Almeida ao lado do menino que perpetrou suas quadras entre duas gingas de *fox trot*. D'ahi, as sympathias, a admiração que desfructa.

Por isso tudo, o recital de hoje attrahirá numerosa e brilhante assistencia.

Acha-se no cartaz outra festa de arte que muito encanto trará para o nosso mundo elegante.

Maria Eugenia, Alvaro Moreira e Luiz Peixoto vão novamente deliciar a nossa gente fina, dentro de poucos dias, com *"Adão, Eva e outros membros da familia"* no Municipal, em favôr da "Casa do Estudante".

Este annuncio, só por si, é o prenuncio de uma noite de maravilhas.

PELOS CLUBS

Como era de esperar, revestiu-se de muita elegancia e distincção o "apperitivo britannico", realizado sabbado, na séde do Gavea Sport Club, promovido por uma commissão de senhoras e senhorinhas da nossa melhor sociedade.

Foram horas de indizivel prazer as passadas nos acolhedores salões do Gavea Club, onde reinou sempre uma franca alegria.

Realizaram-se com muito encanto na ultima semana: — o chá-artistico de sabbado nos salões do Fluminense; o jantar-dansante de domingo no Botafogo, com uma assistencia formosissima.

M. DE D.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

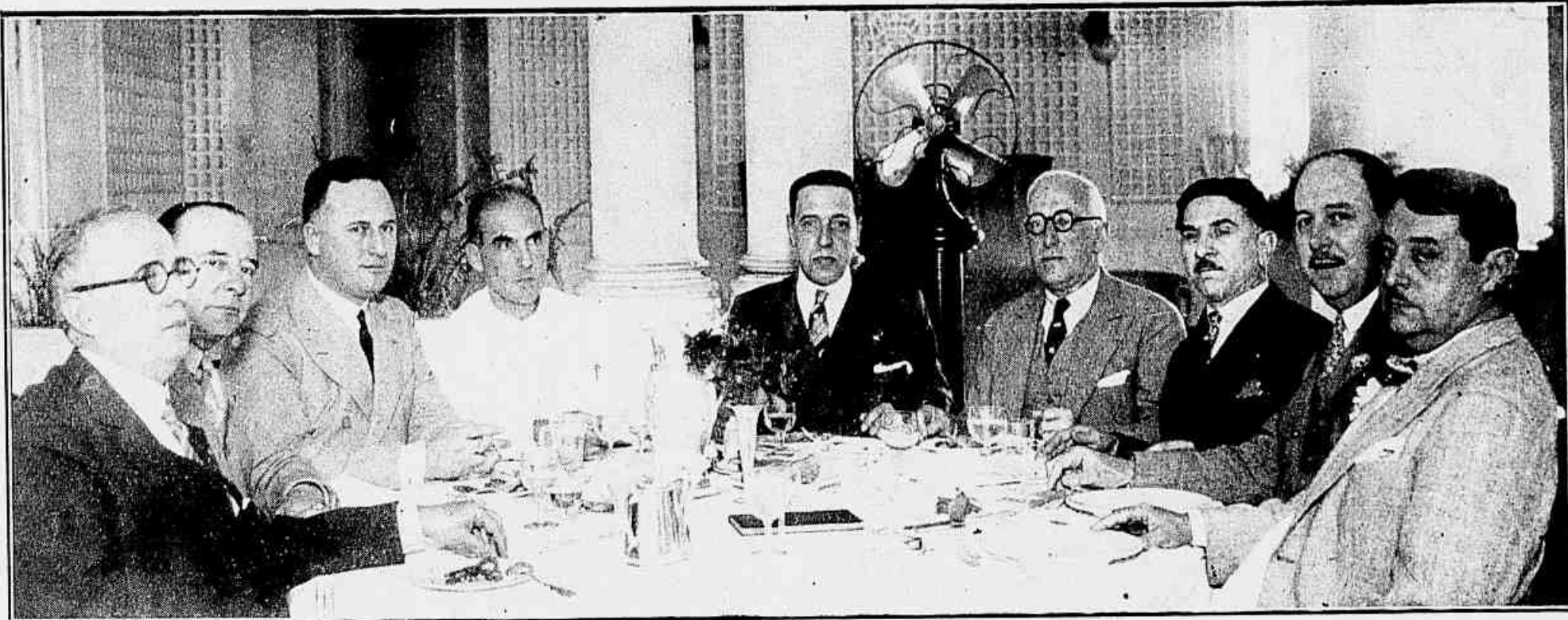
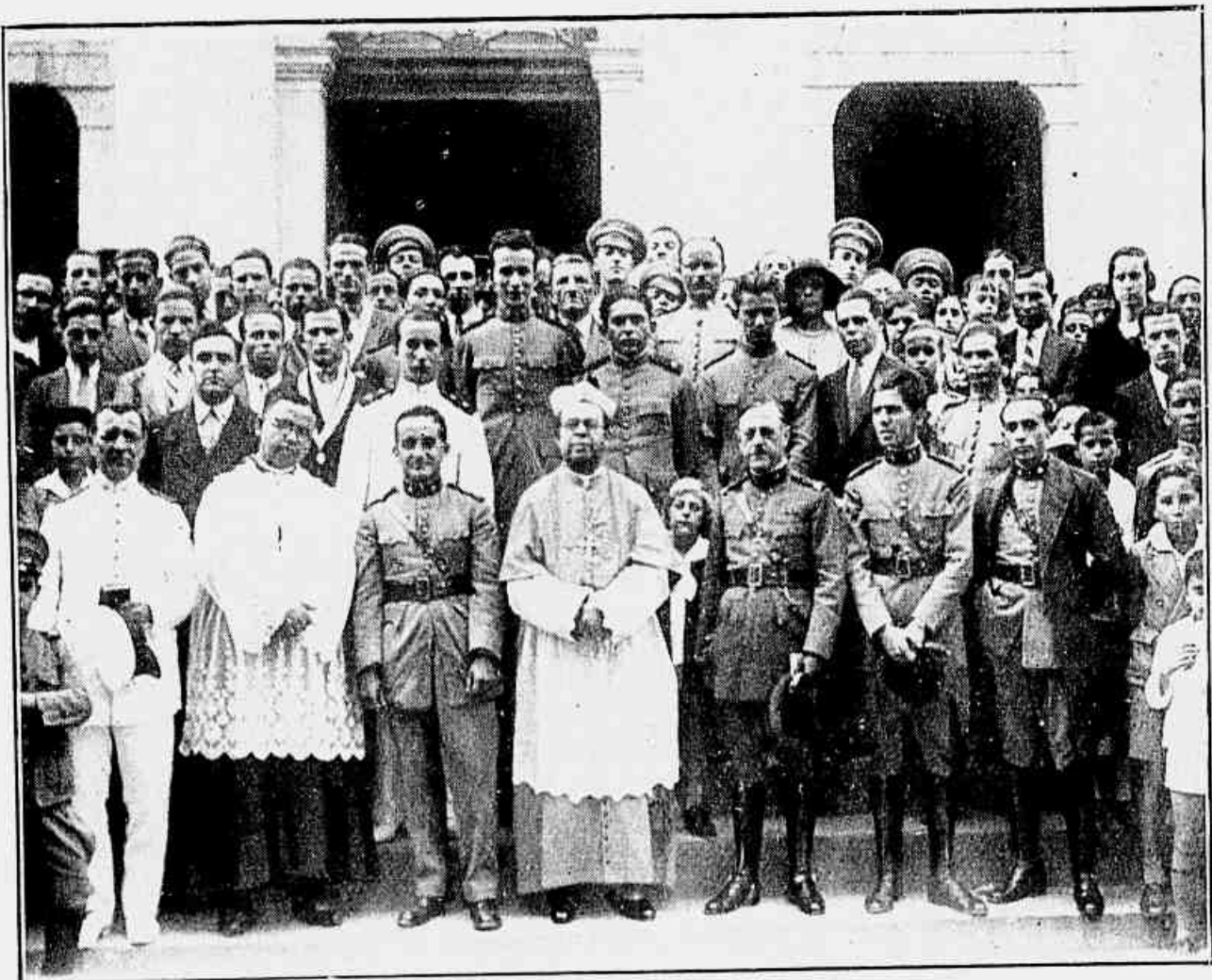
O novo presidente do Haiti

A 18 de Novembro ultimo, a Assembléa Nacional do Haiti escolheu o senador Stenio Vincent para as elevadas funcções da primeira magistratura do Estado.

O illustre estadista, escolhido pelos seus pares para a Presidencia da progressista Republica das Antilhas, é uma das figuras mais destacadas do seu paiz, quer pela sua intelligencia e cultura, quer pelo seu ardoroso patriotismo, de que deu provas tão eloquentes quando encarregado de defender a causa da sua patria nos Estados Unidos, em 1918.

Afeito ás luctas incessantes da politica e á alta administração publica, o sr. Stenio Vincent chega á presidencia da Republica com uma folha de grandes serviços á sua terra, onde a sua linha superior de estadista ficou sobejamente assignalada, quer como encarregado de Negocios em Haya, quer na Secretaria do Interior e dos Trabalhos Publicos e na presidencia do Senado.

A sua patria pode orgulhar-se da escolha do seu novo Presidente, cujos predicados são uma garantia bastante para o feliz exito da sua administração.

Presidente Stenio Vincent.

De viagem para a Europa, onde vão tomar parte na Convenção Internacional do Rotary em Vienna, passaram por esta capital os illustres rotarianos srs. Francisco Marseillan e Manuel Gaete Fagalde, governadores, respectivamente, dos districtos rotarianos da Argentina, Uruguay e Paraguay e Chile e Bolivia. Por esse motivo o Rotary Club desta capital offereceu aos distinctos visitantes um almoço no Jockey Club, que transcorreu no meio das maiores demonstrações de apreço e solidariedade social. Vê-se, ao centro, o sr. Fagalde e, terceiro á esquerda, o sr. Marseillan, cercados de socios do Rotary Club do Rio de Janeiro, cujo presidente, sr. Luiz Pereira, se vê á esquerda do sr. Fagalde. Para representar o Brasil na referida Convenção já partiu para Vienna o sr. Leão de Moura, rotariano de Santos e eleito governador do Districto Brasileiro, e o dr. Arrojado Lisboa, ultimamente eleito director do Rotary Internacional com séde em Chicago.

A Paschoa dos Militares na capital fluminense correu brilhantemente, como aliás todas as festividades religiosas do mez mariano. Vemos, ao centro, d. José, bispo de Nictheroy, que tem á sua esquerda o major Faustino Gomes, sub-commandante do 2.º Batalhão de Caçadores.

A esquerda, a séde da Liga de Protecção aos Cégos do Brasil; á direita, aspecto da visita dos alumnos do Collegio La-Fayette.

Num sentido preito de homenagem á memoria do bravo e inesquecivel aviador naval, capitão-tenente Dias Costa, que pereceu no anno passado num desastre de aviação, a sua distincta e extremosa familia, solemnizando a passagem do primeiro anniversario de sua morte, fez inaugurar, na semana passada, o seu mausoléu, no cemiterio de S. Francisco Xavier. Vêem-se na gravura acima a familia e pessôas presentes á tocante ceremonia de merecida exaltação á sua memoria e ao seu valor.

A nova directoria da Associação de Imprensa

A feliz idéa de serem reunidas numa só as tres sociedades de imprensa, existentes nesta capital, acaba de chegar á ultima phase da sua opportuna e brilhante realização.

O Conselho Deliberativo da Associação acaba de eleger a seguinte Directoria: Presidente, dr. Herbert Moses; vice-presidente, João Mello; primeiro secretario, Costa Rego; segundo secretario, Nestor Guimarães; thesoureiro, Paschoal Ferrone; bibliothecario, Carlos Manhães; procurador, Edmir Pederneiras.

Registrando o auspicioso acontecimento, congratulamo-nos sinceramente com a Associação pelo acerto dos nomes escolhidos, cujo prestigio é uma garantia segura para que a nova aggremiação, em prol da imprensa, possa attingir a sua brilhante finalidade.

Fiat Lux

A famosa experiencia de Marconi, illuminando de bordo do seu hiate *Electra* a Exposição de Sydney, foi commentada de todos os modos e glosada com todos os elogios aos seu prodigioso genio inventivo.

Agora, segundo annuncia um telegramma de Recife, obteve pleno exito a experiencia publica, executada pelo electricista Spinelli, que illuminou, a distancia, a fachada da igreja do Coração de Jesus, no parque do Collegio Salesiano.

Ao ser pronunciada a palavra convencional "Luz", a igreja subitamente se illuminou.

O raid brasileiro Rio — Paris

Não póde passar sem o devido commentario a noticia já divulgada pela imprensa da tentativa de um raid *Rio-Paris*, a ser levada a effeito por alguns officiaes da Aviação Militar e com o objectivo de retribuir as visitas que nos têm sido feitas por diversos "ases" da Europa.

O emprehendimento, ao que se annuncia, tem o apoio do general Leite de Castro, ministro da Guerra, e para a sua feliz solução já teem sido tomadas, em segredo, varias providencias e feitas as necessarias experiencias preliminares.

Ao Brasil, terra de Bartholomeu de Gusmão, Santos Dumont e Severo, está realmente faltando um sensacional feito de aviação, que focalize as attenções mundiaes para o seu nome, predestinado para a gloria das azas e da conquista do céu.

Realmente, já é tempo de se pensar na retribuição das honrosas visitas de Sacadura Cabral, Gago Coutinho, Ramon Franco, Costes, De Pinedo, Ferrarin etc...

O Brasil precisa mostrar não ser somente um ninho de aguias que chegam.

E' tambem um ninho de aguias que estão ansiosas para alçar o vôo, contendo-se inquietas, á espera do momento de bater as azas.

Que chegue breve esse momento! E' o que pede a memoria dos nossos grandes dominadores do espaço e o que exige o orgulho nacional, tão pressuroso por essa opportuna escalada do céu.

E', como se vê, noutra modalidade, a repetição do milagre biblico...

Mas, desta feita, é um brasileiro que, modestamente, sem o menor reclamo, repete o *Fiat Lux*, garantindo á sua terra e á sua gente o apanagio da intelligencia sempre ao serviço das radiosas creações da humanidade.

Em homenagem ao professor Julian Szymansky, illustre medico polonez, antigo presidente do Senado do seu paiz e presidente da "Sociedadade Polono Brasileira Ruy Barbosa", com séde em Varsovia, o Conselho Administrativo da "Sociedade Polono Brasileira Kosciuszko" offereceu-lhe um jantar, no Automovel Club. Vemos, sentados, da esquerda para a direita: gen. ref. dr. Ivo Soares; senhora Carmen de Faria Lacerda; ministro dr. Rodrigo Octavio, presidente da Sociedade em exercicio; condessa Mendes de Almeida; prof. dr. Julian Szymansky; senhora Daniel de Carvalho; ministro da Polonia, dr. Grabowski; prof. Aloysio de Castro, director do Departamento Nacional do Ensino; senhorinha Amalia Parczynska; prof. Candido Mendes de Almeida; prof. Waclaw Radecki. De pé, da esquerda para a direita: sr. Czarnota Boiarski, secretario da Legação da Polonia; sr. Valery Koszarowski, representante da Sociedade Pol. da Colonização; dr. Daniel de Carvalho; dr. Octavio do Nascimento Brito; dr. João Coelho Lisboa; sr. Eduardo Pluzanski; coronel Alfredo Severo; dr. Jesuino de Albuquerque; prof. Benjamim Baptista; sr. Tadeu Winnicki; dr. Alvaro Teixeira Soares; dr. Hernani Camara de Barros, redactor da revista "Brasil-Polonia", e sr. Witold Stypulkowski, addido da Legação da Polonia.

Persistindo na resolução de se fazer respeitar a tabella organizada pelo Abastecimento Municipal, que estipulou o preço da chicara de café a cem réis, o dr. Bergamini, interventor do Districto Federal não attendeu mais uma vez ás reclamações dos proprietarios de cafés, que allegam ser impossivel se manterem com aquelle preço. A' ameaça de uma gréve, o interventor carioca, com material e pessoal da Prefeitura, transformou o antigo restaurante do Assyrio em um café moderno com musica, franqueado ao publico... por cem réis. Vê-se s. ex., no grupo, no acto inaugural, cercado de amigos e funccionarios da Prefeitura, tendo á sua direita o nosso illustre confrade dr. Diniz Junior.

Gentis amazonas e distinctos cavalheiros que, domingo ultimo, tomaram parte nas brilhantes provas promovidas pelo Centro Hypico Brasileiro.

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ■ A VIDA NO LAR ■ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ■ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

Tudo que havia de masculino no vestuario desappareceu com as saias compridas. Os tecidos transparentes, os laços e babados fluctuantes, as vaporosas rendas e bordados constituirão os accessorios da moda actual, cuja diversidade nos fará esquecer bem depressa a uniformidade da estação passada. Os costumes surprehendem por uma profusão de detalhes novos. E' curioso como, apezar da voga cada vez maior dos tecidos d'um só tom, se compõem ainda emsembles de tres e quatro peças de tecidos differentes. Saia de *tweed* de fantasia, casaco de drap d'um só tom, blusa de seda de tom claro e, se essas ainda são completadas por um collete-casaco, é escolhido n'um outro tecido — jersey ou peau de *velours*. Outra combinação: manteau e saia de tecido liso, casaco de tecido de fantasia, blusa de jersey de seda com largas riscas horizontaes.

O tecido frouxo e poroso dos tecidos para tailleur são os mais empregados. Muitas composições em preto e branco. Os draps lisos assim como a sarja fina estão sendo muito empregados não só para os tailleurs como tambem para os manteaux. Um grande contraste offerecem os ensembles ricamente guarnecidos, destinados para a tarde, com os severos tailleurs estylo inglez; casaco cintado, não muito longo, linha de hombros alargada, bascas levemente afastadas. Grande variedades nas gollas, punhos e bolsos.

Todas as toilettes para a tarde são longas. Para as primeiras horas 20 a 25 centimetros do chão, para os chás indo até o tornozello, graciosamente movimentadas, um pouco recortadas na frente ou completamente redondas. Os vestidos da noite vão até ao chão e muitas terminam por uma pequena cauda.

Os manteaux de sport, de viagem e trotteur são quasi exclusivamente feitos com tecidos de lã de fantasia, alguns chamando a attenção pelos seus tons vivos. Alguns são feitos com tecido nopé, dupla-face, escuro do direito, claro do avesso — desenhos curiosos, por exemplo zigzag de duas ou tres côres — branco e soufre sobre fundo preto. Mangas genero raglan, cintos de tecido ou de couro collocados na cintura.

Gorro preto, ornamentado com flôres de velludo branco.

TOILETTES PARA A NOITE

1 — Toilette de lamé de fantasia. O drapé do decote termina-se com uma ponta de echarpe. Saia cortada muito en-forme e babado. Cinto de metal. 2 — Rica toilette para baile de velludo preto com corpo de lamé coberto com um trançado de galões de strass. A echarpe de velludo parte do hombro do lado esquerdo. 3 — Vestido de crepe georgette rosa claro, bordado com strass. Babado en-forme dum lado. O panneau das costas forma cauda. 4 — Toilette de brocardo, fichú drapé. Basquinha en-forme. Saia formada por panneaux com muitos godets.

Conselhos sociaes

JOGAR POEIRA NOS OLHOS DOS OUTROS

Em todas as épocas se troçou dessa preoccupação, infelizmente muito commum, de pessôas que querem parecer aos olhos dos outros ter uma posição pecuniaria que na realidade não possuem, o que se chama "jogar poeira nos olhos dos outros".

Quanta gente não chega á mais extrema miseria para manter algum tempo uma posição que seus meios não mais permittem? Por mais absurdo que isso pareça, existem muitas familias que, para ter uma casa com certa apparencia e toilettes na moda, não comem á sua fome e privam-se de todo o conforto. Tudo é sacrificado á vaidade.

Fica-se surpreso do gozo que isso lhes possa trazer. Porque afinal não se enganam a si proprios sobre o estado da sua fortuna. Não enganam tambem aos outros, porque mais cedo ou mais

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de crepe-setim de fantasia, saia en-forme, capa e babado só dum lado. 2 — Toilette de renda ocrée e mousseline de seda do mesmo tom. Longo casaco aberto na frente. 3 — Vestido de crepe da China de fantasia, guarnecido com tiras franzidas. 4 — Vestido de crepe da China amarello limão; a tira da golla termina por um longo jabot. Guarnição de fustão no corpo e nas mangas. Cinto com nervures.

tarde, a sua posição exacta revela-se. Não obteem nem mesmo a consideração usurpada que ambicionavam. O certo é perderem o socego, o pouco de que dispõem, quando não perdem o bem mais precioso que é a sua dignidade.

Actualmente, que atravessamos um periodo difficil, aquelles que teimam em jogar poeira nos olhos dos outros seriam sensatos resignando-se, como os outros, a restricções. A primeira de todas, a mais facil, é supprimir o superfluo, sobretudo quando esse superfluo é obtido á custa de privações sobre as despezas essenciaes. Não se póde dar um conselho de ordem geral; sómente os chefes de familia sabem do que podem dispôr. Mas o que se póde dizer com segurança é que muito poucos conseguem enganar dandose ares de possuir fortuna quando não a teem. Quanto sacrificio inutil, quanta privação e, peior ainda, quantas dividas feitas para jogar poeira nos olhos dos outros em pura perda! Tudo tendo apenas servido para ridicularizar aquelles que empregaram esse meio para aparentar. Não é vergonha ser pobre quando se é com dignidade, procurando com seu esforço angariar os meios para o seu sustento.

Se é ridiculo vangloriar-se de riquezas que não se tem, tambem é desagradavel para os outros, como tambem é uma prova de máu gosto, falar na sua pobreza. Aquelle que se refere a miudo á sua pobreza parece estar pedindo aos outros um auxilio; mette dó ou medo: qualquer das duas coisas é egualmente humilhante. Os que são modestos com dignidade são os que teem mais base para serem felizes na terra.

— Olá, doutor! Não sabia que era caçador!
— Caçador, isto é... Caço um pouco, para matar o tempo...
— Pois não lhe bastam os clientes?!

Nossa alimentação

O CELEBRE RESTAURANTE "MAISON DORÉE"

Ernest Verdier, que foi director desse celebre restaurante, no boulevard dos Italianos em Paris, frequentado por tantas personagens celebres, tinha publicado, para seus amigos e clientes, um trabalho que é muito procurado pelos gourmets bibliophilos. São as *Dissertações Gastronomicas*. Uma nova edição desse trabalho põe novamente em fóco a physionomia de Ernest Verdier, que foi celebre no boulevard, ao tempo em que recebia o principe de Galles, os granduques, Labiche, Meilhac, Henry Rochefort, Aurelien Scholl, Villemessant, emfim o Todo-Paris de sessenta annos pa sados.

A Maison Dorée foi o scenario de uma multidão de aventuras curiosas. Destacamos uma, que foi contada por Henri Rochefort e da qual os nossos leitores poderão tirar uma moralidade.

"Um dos frequentadores, escreveu Henri Rochefort, Xavier Aubryet, escriptor amador, apezar de ser um homem de muito espirito, tinha o pessimo habito de tratar com uma desinvoltura vizinha da brutalidade os garçons que o serviam. Nada, pessoalmente, me incommoda mais que ouvir tratar grosseiramente um empregado, obrigado, sob pena de ser despedido, a acceitar sem réplica as observações desagradaveis que lhe dirigem muitas vezes freguezes mal humorados.

"Um dia em que Xavier Aubryet se tinha excedido, um dos garçons, exasperado, sentiu o sangue ferver-lhe e, tirando o avental, precipitou-se sobre o seu perseguidor e, puxando-o para o meio da sala, segurou-o pela gravata com uma mão emquanto com a outra o esmurrava valentemente.

— Ah! dizia elle emquanto dava a surra, como faz bem dar assim uma lição.

"Os que riam não estavam do lado de Aubryet, que tentava em vão libertar-se das mãos do exasperado.

"Tudo isso durou apenas alguns segundos. Ernest Verdier, correndo immediatamente para separar os dois homens, censurou o seu empregado com indignação, mas com certeza no seu intimo achou que elle tinha bem razão.

—"Vou embora, patrão, disse elle tomando o caminho da porta. Sei que é muito difficil ficar aqui... Mas antes de partir faço questão de declarar a este senhor que, ha seis mezes, eu cuspo em todos os seus pratos..."

A historia foi contada no dia seguinte em todos os jornaes e Labiche utilizou-a em uma das suas comedias — *A Pequena Viagem* — onde se vê uma senhora implorar ao marido que seja da mais extrema gentileza com todos os empregados de restaurantes, com receio delles se vingarem á maneira do garçon da Maison Dorée.

A polidez, a humanidade tanto como o interesse nos ordenam sermos benevolentes para com aquelles que nos servem nos restaurantes.

Se querem ser bem tratados, se desejam que lhes sejam indicados os bons pratos procurem agradar os empregados e não se esqueçam de que é perigoso offendel-os.

MENU DE ALMOÇO

OSTRAS Á MARINIERE
BATATAS COZIDAS

RABO DE VITELLA
ANGU' DE FUBA' BRANCO

COSTELETAS DE PORCO
COUVE-FLOR Á POLONEZA

TORTA DE MAÇÃS

OSTRAS A' MARINIERE

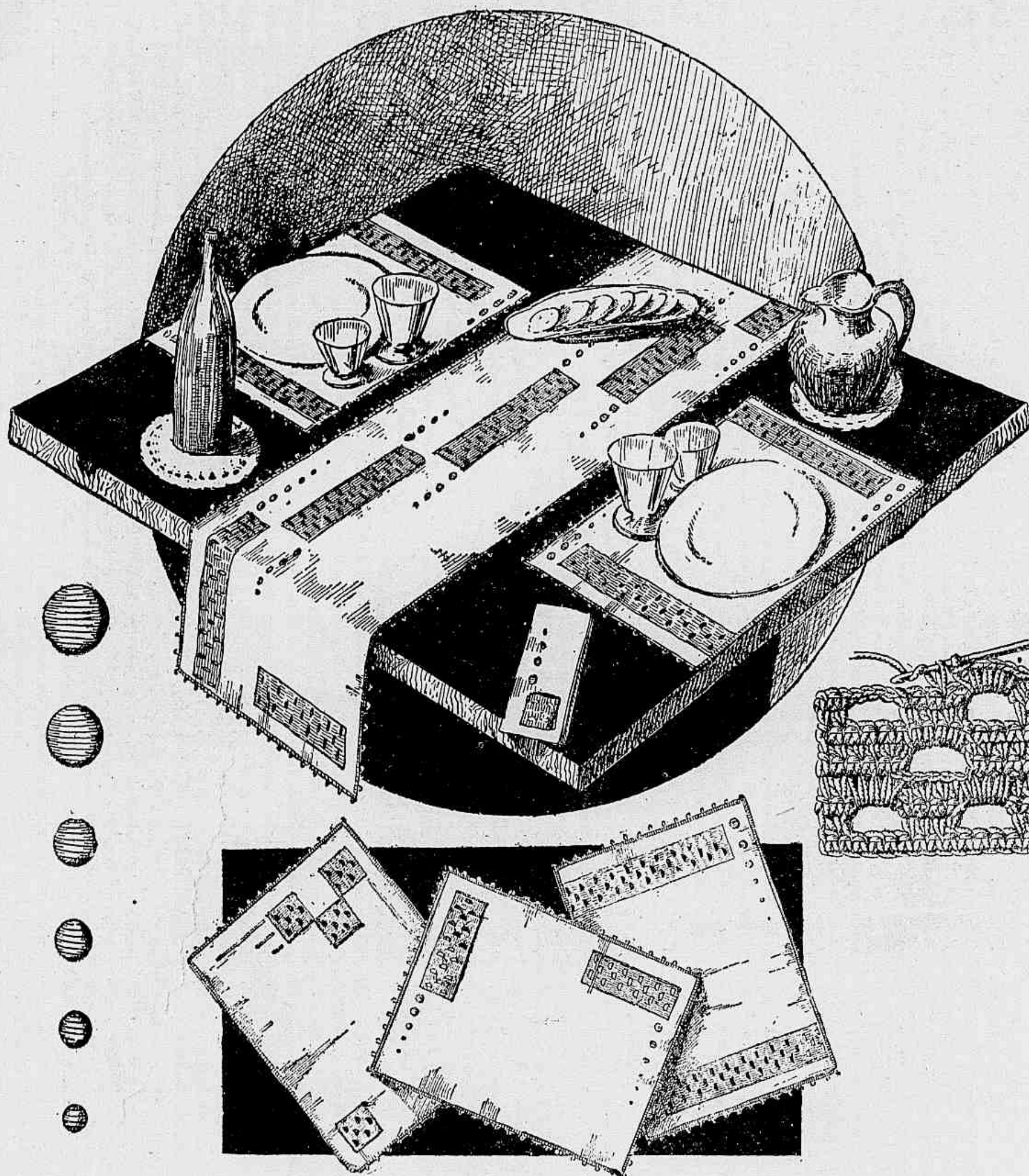
Lava-se muito bem um litro de ostras. Põe-se dentro d'uma panella com um copo de vinho branco com

Modelos apresentados no "Baile da Costura" em Paris, pelos melhores costureiros

Interessante capa de velludo.

O bordado inglez é agora empregado até para os vestidos de baile.

Os vestidos de renda continuam a fazer successo.

Guarnição para mesa

Estão sendo muito empregados os pequenos pannos para as mesas de lunch ou de almoço. Póde se variar ao infinito esses panninhos que fazem tão lindo effeito sobre uma mesa bem envernizada. São cortados de diversos tamanhos, maiores para collocar o prato e talheres, e para o centro da mesa; pequenos para os bules, jarras e pratos de doces. O modelo que damos tanto póde ser feito com o linho branco quanto com o de côr. Por exemplo empregando-se o linho côr de barbante (claro) póde-se fazer o galão de crochet com linha azul turqueza, as bolas serão bordadas com linha do mesmo tom de azul. Tambem se póde fazer os pannos com o linho rosa, azul claro ou verde claro; o crochet e bordado com linha *ocrée*. Em volta dos pannos faz-se um picot de crochet com a linha empregada no entremeio.

umas cenouras e cebolas cortadas em fatias, um pouco de salsa picada, meia folha de louro, meio dente de alho esmagado e meia colhér de manteiga. Põe-se a panella em fogo forte e tampada. Deixa-se ferver uns dez minutos pouco mais ou menos.

Retira-se a panella do fogo, retiram-se as ostras, collocando-as n'uma travessa aquecida, e côa-se o môlho. Prova-se o môlho para ver se está bem temperado e despeja-se sobre as ostras.

RABO DE VITELLA

Corta-se o rabo em pedaços e deixa-se ferver uns vinte e cinco minutos em agua e sal. Nessa agua pode-se juntar legumes para fazer uma bôa sopa.

Faz-se derreter dentro d'uma panella de barro 100 grs. de toucinho e refoga-se nelle os pedaços do rabo mexendo-se bem com uma colhér de páu durante um quarto de hora; molha-se depois com um copo de vinho tinto que se deixa evaporar. Molha-se em seguida com dois copos de vinho branco e um copo d'agua.

Tempera-se com sal, pimenta, um bouquet de cheiros, um pedaço de casca de laranja, dois dentes de alho, um mocotó de vitella partido e duas cebolas.

Cobre-se a panella e deixa-se cozinhar em fogo brando: o liquido não deve ferver, apenas estremecer. Depois de duas horas de cozimento, junta-se um pouco de carne de porco partida em pedacinhos e algumas cebolinhas, fritas na manteiga.

Deixa-se cozinhar ainda mais duas horas, desengordura-se o môlho e serve-se tudo n'uma grande travessa.

COUVE FLOR A' POLONEZA

Lava-se bem uma bonita couve-flor e põe-se para cozinhar na agua e sal fervendo; escorre-se bem a agua dentro d'um coador e em seguida arruma-se n'um prato. Salpica-se por cima com ovos cozidos picados, misturados com salsa tambem picada. Faz-se isso na hora de servir e logo em seguida despeja-se por cima manteiga derretida, que se frigiu com um pouco de farinha de rosca.

TORTA DE MAÇÃS

Põe-se dentro d'um alguidar meia libra de farinha de trigo (250 grs.), uma pitada de sal, uma colhér de assucar, uma colherinha de fermento inglez desfeito dentro d'um pouco de leite.

Amassa-se esses diversos ingredientes até uma bôa consistencia, juntando devagar um pouco de nata e por ultimo meia colhér de manteiga. Faz-se uma bola

Vestido vermelho e beige, com galões e frizos em preto e branco.

que se abre em seguida com o rolo.

Arruma-se sobre um taboleiro untado com manteiga, aperta-se as beiradas da torta com os dedos para formar uma borda e guarnece-se com um compota de maçãs perfumada com uma casca de limão; doura-se as beiradas da torta com uma gemma de ovo. Vae assar em forno moderado. A torta está assada quando está bem dourada. Salpica-se com assucar e serve-se quente ou fria.

Uma faculdade de Medicina

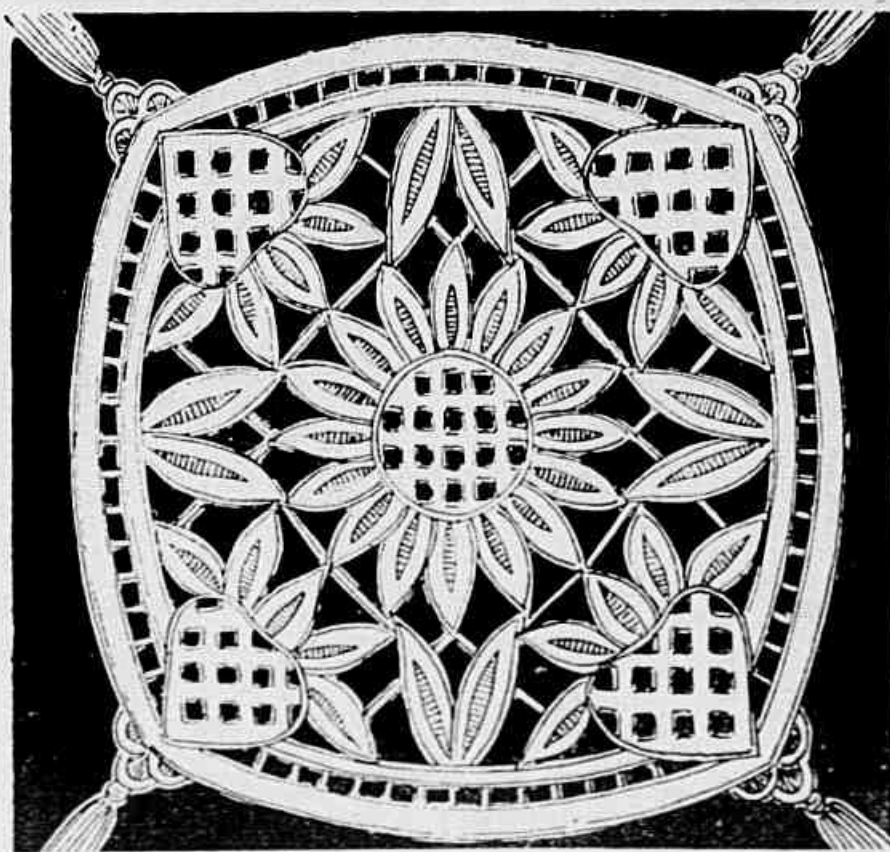
E' aquella que se ergue em Lyon (França), em Grange-Blanche, á qual o rico Rockfeller doou com 41 milhões. Magnificamente installada, chama sobretudo a attenção a sua sala de conferencias que pode conter até mil ouvintes e uma immensa sala de leitura que tem 900 metros quadrados de superficie. O seu soalho é coberto com borracha para amortecer todos os barulhos. O amphitheatro da Faculdade tem as paredes completamente revestidas de louça branca.

O numero 2 e os monarchas

Um observador supersticioso chamou a attenção como o numero dois tem sido funesto aos Monarchas. Assim o triste fim de varios Soberanos que foram II no nome — Carlos II da França foi estrangulado; Jacob II da Escocia pereceu no campo de batalha; Napoleão II morreu no desterro, sem ter reinado; Haroldo II, da Inglaterra, cahiu em Hastings; Eduardo II, da Baviera, desappareceu em mysteriosas circunstancias; Alexandre II, da Russia, foi morto por uma bomba lançada pelos nihilistas. Pedro II do Brasil foi desthronado, morrendo no exilio. Na actualidade quatro reis com o numero II tiveram triste sorte: Nicolau II, da Russia, Abdul-Hamid II, da Turquia, Manoel II, de Portugal, e o kaiser Guilherme II, que perderam o throno e estão exilados.

Toilette de crepe-setim preto, saia com panneaux en-forme e dois babados nas mangas. Frente e punhos de crepe georgette branco.

Vestido de crepe da China azul marinha; dois babados na saia; punhos, pala e jabot de crepe georgette.

Um lindo serviço de chá, muito moderno, em panno de linho branco com applicação côr de rosa.

Almofada de applicação com linho em fundo de setineta.

Vestido de marocain azul; pequeno paletot sem mangas, com gola de linho.

O grande pintor francez Pissarro

Camille Pissarro nasceu em 1830, tendo sido festejado em França o seu centenario no anno passado.

Foi graças á tenacidade de Tabarant, com a collaboração de Berhein-Junior, que se fez a exposição das obras do artista.

Soffreu este grande artista toda sorte de vicissitudes na sua vida. Grande entre os grandes, Pissarro continuará a se-lo pelo immenso valor da sua obra. Diante da mais modesta das suas telas não poderá ser esquecida a dignidade do mais pobre dos gentis-homens, a seducção e a grandeza de caracter desse authentico aristocrata, pobre entre os mais pobres (tinha cinco filhos), que acolhe cada revez com a energia dos fortes.

Gauguin, por Pissarro. — Pissarro, por Gauguin.

"Tudo perdi, disse elle; restam-me apenas uns quarenta quadros dos quinhentos que tinha" (os Francezes ou os Allemães, em 1871, tinham-no roubado). "O que irão elles fazer com elles?... Guerreiros!". Escreveu isso numa carta a Th. Duret. Nunca ficou azedo, não tem a menor inveja dos artistas que teem mais sorte que elle.

Só mais tarde foi reconhecido o seu grande valor, dando-se como prova disso ter o Estado comprado de Pissarro apenas uma agua-forte, que esqueceu de pagar. O Estado deve aos filhos de Pissarro 60 francos. O pintor Caillebotte — em 1894 — legou 18 obras de Pissarro. A commissão consultiva dos Museus recusou 11 das obras-primas. O "chamado Pissarro", como era então designado, conta Tabarant, fez presente ao Museu do Luxemburgo de uma collecção quasi completa, em bellas provas, das suas pointes-sèches e das suas aguas fortes. Dormiram até agora no fundo d'uma gaveta, podendo-se ver duzentas pinturas — entre as duas mil que elle deixou — do mior paisagista, do mais original dos gravadores que a França teve depois de Courbet e Meryon. Poder-se-ia mesmo dizer o maior impressionista. A exposição Camille Pissarro

TAILLEURS E MANTEAUX

1 — Tailleur de lã de fantasia, casaco abotoado com tres botões, saia com pregas pespontadas, collete de fustão branco e blusa de seda branca, gravata preta. 2 — Tailleur classico, casemira ingleza, saia um pouco en-forme. 3 — Manteau de tafetá marron, grande golla franzida, applicações em festão. 4 — Tailleur de setim preto, saia com pala formada por tiras applicadas, grupos de pregas na frente e atrás. Os bolsos do casaco são muito originaes assim como a tira que termina o casaco na frente; tem esta uma casa para passar o jabot e amarra-se atrás. Blusa de setim branco.

fez lembrar uma das épocas mais radiosas da pintura franceza.

Glorificaram um grande artista ao mesmo tempo que um homem de bem.

Compararam os camponezes de Pissarro com os de Milet e chegaram mesmo a accusa-lo de ter plagiado o mestre. Mas a arte de Milet é cheia de convenções, de formulas de ateliers. Ha nelle um romantismo indelevel. Pissarro é um realista.

Tem um estylo seu ao mesmo tempo grande e singelo, o proprio estylo da natureza.

Nem a anecdota nem o drama teem lugar na sua obra serena.

Os seus camponezes são verdadeiros camponezes. Para pintal-os, não recorre áquella elegancia raphaelesca tão justamente reprovada a Milet por Beaudelaire. No patriarcha do impressionismo o trabalho humano não está debaixo da maldição, como no pintor do "Angelus" e das "Ceifadoras". Tambem podia elle dizer sorrindo: "Todos me atiram com Milet á cara. Mas Milet era biblico".

Tendo uma visão synthetica tão vasta como a de Milet, dando ás formas a mesma amplidão e solidez, põe na sua obra infinitamente mais frescura, toda a ternura e ingenuidade do seu coração.

As attitudes que Milet não julgava bastante nobres para serem reproduzidas, elle não as desdenhou.

Foi-lhe reprovado pintar mulheres colhendo fructas nos pomares, outras vigiando os gansos, trabalhadores separando os repolhos.

Como se a belleza não estivesse tambem entre as coisas mais humildes, como se o lyrio dos campos não estivesse tão ricamente vestido quanto Salomão na sua gloria!

Do grande nome de Pissarro approximam-se os nomes illustres de Manet, Cezanne, Claude Monet, Theodor Duret. Mas, como muito sensatamente chamaram a attenção os Impressionistas, deve se lembrar da influencia exercida por cada um delles sobre os outros.

Se para o seu Olympia *Manet fez, antes de qualquer outro pintor, uso dos tons claros, é a Pissarro, é a Monet que elle deve ter-se applicado ao estudo da atmosphera e da luz.*

Ao contrario de Claude Monet, que se dedica a dissolver a materia para extrahir subtis essencias coloridas, Pissarro interroga apaixonadamente a vida para crear facilmente as innumeras formas e restituir a estas toda sua plenitude. Se tem um ponto commum com Cezanne, é precisamente, como diz

muito sensatamente Leconte, por precocupação "de unir as fortes construcções aos mais faustosos reflexos do colorido."

Para ser justo para com Pissarro e Monet, dever-se-á dizer que esses dois mestres, ao mesmo tempo tão proximos e tão differentes, são os verdadeiros creadores desse jardim de luz que é o Impressionismo.

A princeza Margarida da Suecia e seus filhos.

Havia uma vez uma encantadora princeza que se chamava Ingeberg.

Era a esposa do principe Oscar-Carlos, da Sue-

A princeza Margarida da Suecia.

cia, que mostrava com muito orgulho suas tres filhinhas, tão bonitas como interessantes creanças. Essas meninas cresceram... O grande acaso que preside

aos destinos dos principes fez da mais jovem a futura rainha da Belgica. A segunda será a rainha da Suecia.

A mais velha, a princeza Margareth, contenta-se em ser somente princeza, mas talvez quem sabe se no futuro a corôa da Dinamarca não virá pousar-se sobre a sua cabeça? A princeza Margarida Sophia Luiza Ingeberg nasceu em Stockolmo, no dia 25 de Junho de 1899. E' filha do irmão do rei actual Gustavo-Adolpho, aquelle que, com a autorização real de 15 de Março de 1888, tomou o titulo e o nome de principe Bernadotte, depois de ter renunciado livremente á successão eventual do throno.

O que distingue a princeza Margareth das outras grandes damas conhecidas, dizem, é um amor extraordinario pelas coisas da Natureza.

Emquanto era creança, abandonava o palacio logo que se apanhava só para correr para os jardins ou para o mar, que contemplava longamente sem nunca se cansar. Muito meiga, muito bôa, fazia parar os pequenos camponezes, para acaricial-os, mostrando-se desde cedo muito maternal. Contam tantas anecdotas sobre os filhos dos principes que nunca se sabe se uma ou outra será mesmo verdadeira.

Esta, porém, é garantida como authentica.

Um dia que a princeza, ainda menina, patinava viu uma menina desmaiada sobre o gelo. Era ella quasi da sua idade; pois, apezar do peso ser alem das suas forças, a jovem princeza carregou-a nos seus braços até ao palacio. Onde não foi reprehendida pelos seus paes.

Essa bondade generosa, esse impulso para as miserias dos humildes é, dizem, o apanagio das pessôas da sua familia, que em toda parte por onde passam sabem fazer-se adorar.

A princeza recebeu uma educação muito simples mas severa: fala correntemente o allemão, o inglez e o sueco, assim como o dinamarquez e o francez, lingua materna do principe Axel, seu esposo. Sabe-se que esse principe é filho do principe Waldemar e da princeza Marie de França, filha do duque de Chartres e irmã do duque de Guise e da duqueza de Magenta.

A princeza Margareth casou-se no dia 22 de Maio de 1919 em Stockholmo e mora desde então no bello castello de Bernstorff, perto de Gentofte, na Dinamarca. E' muito querida no paiz da sua mãe.

E' mãe de dois principes. O mais velho, Georges-Valdemar, é um turbulento garôto que, no emtanto, já começou seus estudos, pelos quaes mostra muito interesse, apezar de ainda não ter completado os doze annos. Nasceu no dia 16 de Abril de 1920.

O segundo, Zlemming, dois annos mais moço que o outro, já passou das mãos da ama para a das governantes, mas apezar disso é ainda um encantador baby.

Não é raro encontrar a princeza passeiando com seus dois filhos, explicando-lhes com uma clara intelligencia as bellezas da Natureza que ella tanto aprecia.

No inverno, durante as interminaveis noites do septentrião, depois de passadas as horas de lição, a princeza conta aos seus filhos os lindos contos dinamarquezes.

Pyjamas e roupas para banho de mar

1 — Pyjama para a praia de cretonne de fantasia. Golla, punhos e barra da calça de linho no tom do desenho do cretonne. 2 — Pyjama para a praia de setim-lavavel; a ampla calça e o longo casaco de setim branco, o corpo e as barras de setim azul marinha. 3 — Maillot de jersey de lã preto, cinto branco. 4 — Maillot de jersey de lã de dois tons, côr de laranja e preto. 5 — Pyjama para a praia de linho branco e linho de fantasia. 6 — Roupa de banho, maillot de jersey branco, saia curta de lã vermelha e gravata vermelha. 7 — Pyjama de praia de tussor, guarnecido com renda, gravata e cinto de fita. 8 — Calça e blusa de jersey listado cinzento e verde vivo; barras de jersey verde vivo, bordado feito com lã verde. Cinto verde.

Moda Infantil

1 — Vestido de linho com pontos abertos e pregas. Golla-gravata. 2 — Vestido de tricoline listada, a guarnição é formada por tiras de tecido collocadas no outro sentido. 3 — Vestido de shantung branco com golla-gravata do mesmo tecido vermelho. 4 — Roupa para menino, de linho azul guarnecida com linho branco. 5 — Vestido de fustão azul, bordado com linha brilhante do mesmo tom. Camiseta de linon branco e laço de fita côr de rosa.

A princeza tem os cabellos escuros e tem lindos olhos, os olhos das mulheres da sua familia. E' muito parecia com sua irmã Astrid.

A belleza da sua mãe, a princeza Ingeberg, ficou celebre nos paizes escandinavos.

Da côrte da Suecia que ella deixou pela da Dinamarca, a princeza Margarida trouxe os habitos de simplicidade que dizem admiravelmente com os da sua nova patria. Desde sempre, as familias reaes dos paizes do norte da Europa deram ao mundo o exemplo das virtudes domesticas e da vida socegada, seus chefes continuam como outr'ora a cumprir as obrigações do seu cargo; mas áquelles que delles se approximam é facil verificar como é para elles um pesado fardo. Assim que estão na intimidade, tornam-se semelhantes a modestos burguezes. Nada pode dar ideia do encanto que preside ás festas tradicionaes que reunem em volta da immensa meza toda a familia, grandes e pequenos.

O sport é a distracção favorita dessas reuniões.

Mais que qualquer outra a princeza Margarida tem uma predilecção pronunciada pelo *sky*.

Preceitos de hygiene

A LUCTA CONTRA O CANCER DO ESTOMAGO

Aqui transcrevemos um artigo d'um dos mestres da cirurgia franceza, um dos renovadores da hygiene physica e moral, o doutor Victor Pauchet, cirurgião do hospital Saint-Michel. O assumpto é interessante porque trata da prophylaxia d'uma das mais terriveis doenças: o cancer do estomago. Tem um interesse geral, porque exprime em termos comprehensiveis as grandes linhas da hygiene que cada um deve seguir, não sómente para evitar esse cancer, mas para evitar tambem um grande numero de doenças.

"O cancer do estomago é o mais frequente dos cancers. Ataca actualmente entes cada vez mais jovens. E' mais grave no homem que na mulher. Depois do estomago, o cancer ataca sobretudo os outros orgãos do tubo digestivo: intestino, recto, vesicula biliar, pancreas; depois os seios, a matriz e a lingua.

Causas do cancer — E' possivel que exista um microbio, um germe,

tante respirar como comer. Nove decimos dos paes cuidam da alimentação dos filhos, mas não se preoccupam com a maneira delles respirarem, o que é no emtanto bem importante.

Falta de luz, primeiro, porque os appartamentos não são bastante arejados. *Os vestuarios de luto* deveriam ser proscriptos para sempre. O banho de sol, o banho de luz deveria fazer parte dos habitos de todos os meios. Quando não ha sol este póde ser substituido pelos raios ultra-violetas. As estações na montanha, á beira-mar deveriam ser sempre feitas com roupa de banho.

No emtanto o nudismo não é aconselhavel, primeiro porque choca os costumes moraes de nossa geração; em seguida, porque fere o amor proprio das pessôas cuja anatomia é feia, o que é qu si a regra.

A sedentariedade — Ninguem tem o dir ito de abster-se de exercicios physicos. *O medicine-ball* foi feito para remediar a esse inconveniente. A cultura physica no quarto presta grandes serviços; exige simplesmente força de vontade. Todas as razões dadas pelas pessoas sedentarias são sempre más razões, servem apenas de *desculpas*. Não existem desculpas validas para ser sedentario.

A má alimentação — E' preciso comer de vagar, não beber comendo, comer o menos carne possivel. Não dar assucar ás creanças, nem chocolate, balas ou xaropes. Bebe-se vinho de mais. O homem de bôa saude tem no emtanto direito de beber meia garrafa de vinho de muito boa qualidade nas vinte quatro horas. Aquelles que soffrem do figado, do estomago, do systema nervoso devem sempre evital-o.

O alcool não deve ser nunca autorizado em nenhuma circunstancia.

Consumir o menos possivel de conservas, quer se trate de carne, peixe, como a de legumes.

Deve se consumir vitaminas sob a forma de laranjas, limões, tomates, fructas crúas, legumes crús; aquelle que come vitaminas come sol.

Não dar por desculpa que as aguas são sujas. Em quasi toda parte a agua é bôa. E, nos casos em que haja razão de desconfiar da agua, esteriliza-se com facilidade juntando uma gotta de agua de Javel (Sanitaria) por litro d'agua. Isso permitte ter sempre fructas, lavadas em agua limpa.

Não consumimos bastante magnesia. — Os alimentos actualmente consumidos teem falta de magnesium. O professor Pierre Delbet provou que os povos que consomem magnesium não teem cancer. As fontes naturaes fornecem-lhes este elemento. Dantes, o cancer era menos frequente porque na cozinha empregava-se o sal grosso,

um parasita, mas não o conhecemos ainda. O que conhecemos d'uma maneira positiva é:

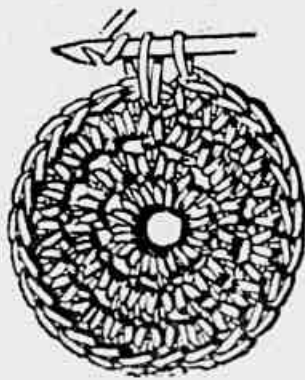
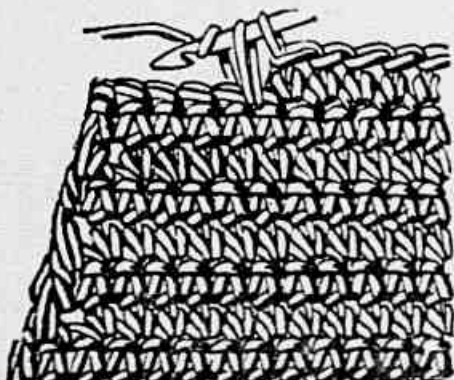
a) A predilecção do cancer por um orgão inflammado;

b) A necessidade d'uma deficiencia no organismo.

Deficiencia geral do organismo. — Quaes são os deficientes?

Aquelles que teem uma má hygiene physica ou moral.

Causas de deficiencia moral: os desgostos, a depressão, a irritabilidade, os máus habitos de odio, de colera, de vingança, de ciume. O cancer desenvolve-se menos nos entes de "bom moral", quer dizer benevolentes, calmos ou que se pódem tornar assim por força de vontade.

As causas de deficiencia physica são as seguintes: *Respiração incompleta*: respirar mal os entes que têm o nariz tapado. A bôa respiração é muito facil de ser ensinada a todos que fazem sport e com a ajuda d'um apparelho que se chama o espirometro. Os que respiram mal são aquelles que não fazem cultura physica regular. *E' tão impor-*

Para acompanhar os vestidos de lã assim como os tailleurs da manhã, nada diz melhor que um gorro ou uma toque de tricot ou de crochet. A novidade que tem o gorro que damos é ser guarnecido na testa com uma fita de velludo, que vem amarrar-se atrás depois de passar por entre as malhas do crochet. Do chapéu damos o ponto empregado para a aba e a maneira de augmental-a para dobrar na frente, assim como uma das rodellas que formam o entremeio que guarnece o chapéu. O resto do chapéu é feito com o ponto baixo, o mesmo usado para fazer o gorro.

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, especialista diplomada, responderá a todas as consultas sobre o tratamento hygienico da pelle, do cabello e saude da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Haritoff n. 6 - 1.º andar — Copacabana.

Beatrice — Nem todas as mulheres possuem dedos bonitos. Mas o dedo é extremamente docil ao tratamento.

Unte com *Crême de Massagem* os dedos indicador e pollegar e comprima a cabeça do dedo, exercendo uma pressão lateral de cada lado da unha. Depressa as pontas dos dedos adquirem uma configuração elegante.

Magdalena — A destruição dos pellos do rosto pela electrolyse é absolutamente radical. E' este um dos poucos tratamentos em que se póde responder d'este modo terminante. A electrolyse não prejudica a pelle, não deixando n'ella o menor vestigio.

Lucy — A pratica da massagem diaria ao rosto deve principiar com a puberdade. A massagem com o *Crême de Massagem* e o uso do sabonete *Sylkale* e do *Tonico Adstringente* constituem a base do tratamento preventivo da pelle.

Carioca — Um pó de arroz por mais aromatizado que seja, composto de materias capazes de rançar é um terrivel vehiculo de doenças da pelle. Deve banir o pó de arroz que está usando. Adopte a seguinte hygiene da pelle, que é o grande preservativo da ruga, o unico tratamento capaz de conservar e obter uma pelle attrahente e delicada. Diariamente faça uma ligeira massagem com *Crême de Massagem*. Remova depois o crême applicando o *Pó de Massagem*, desfazendo uma colhér do pó com agua, até que o pó fique reduzido a uma papa. O *Pó de Massagem* destina-se a limpar os póros e a tonificar a cutis. Lave em seguida o rosto com agua morna e sabonete *Sylkale*, juntando á agua uma colhér de *Tonico da Pelle*. Depois de lavado e enxuto o rosto, applique a *Loção de Embellezar a Pelle*. A sua cutis ficará suave conservando a elasticidade dos tecidos. Evita os póros dilatados. Repita o mesmo tratamento da pelle pela manhã ao levantar. Depois de lavado o rosto com o sabonete *Sylkale* applique a *Loção Adstringente*: offerece adherencia ao pó de arroz. E' um estimulante dos musculos faciaes; a sua acção é notavel e immediata.

Morena (S. Paulo) — O rouge *Rosita* é de facil applicação; serve para colorir os labios e as faces. Applica-se com um pouco de algodão antes da applicação do pó de arroz, o que dá ás faces um bello tom rosado e saudavel.

Jessy (Bello Horizonte) — Com a *Loção para os Cravos* extinguirá os cravos do queixo. A' pagina 19 que acompanha a *Loção para os Cravos* encontrará indicado o modo de usar.

Hortensia (Petropolis) — O caso que me expõe na sua carta precisaria de um exame. Venha vêr-me. Encontra-me todos os dias das 11 ás 4.

SELDA POTOCKA.

e porque a massa do pão era escura. E' preciso não comer nem sal branco nem pão branco. Ou então substituir por alguns comprimidos de magnesium, na dóse de 1gr.50 por vinte e quatro horas. A creança deve consumir como o adulto, só em menor quantidade. E' um alimento e não um medicamento. O chlorureto de magnesium póde ser empregado sob qualquer fórma, mas é preciso que *seja chimicamente puro*.

Cuidado com os dentes. — Os dentes não devem nunca suppurar nem nunca ter pedras. E' preciso ir tiral-as regularmente no dentista.

Depois dos cuidados com os dentes é preciso cuidar egualmente do nariz. E' porque o nariz fica sujo com poeiras e microbios que se apanha uma série de complicações respiratorias. Todos devem, á noite, pôr uma gota de oleo antiseptico no nariz ao deitar-se.

A idade contribue para formação do cancer. E' na idade critica, no outomno da vida, entre 40 e 55 annos, que sobrevem essa doença.

Isso se dá porque as nossas *endocrinas* ou glandulas de secreção interna foram modificadas devido a erros de hygiene physica e moral — muitas vezes tambem por hereditariedade.

As endocrinas são: a thyroide, as supra renaes, a hypophyse, o figado etc.

As insufficiencias endocrinianas pódem ser corrigidas pela absorpção dos productos correspondentes ás deficiencias reconhecidas; mas isso constitue uma therapeutica difficil de applicar e que tem seus especialistas.

Ha no entretanto alguns meios que, fóra da endocrinotherapia, excitam o funccionamento das glandulas endocrinas: *a res piração forçada, os banhos de luz e de sol, as fricções com substancias especiaes* (synthol, vagotonico). A absorpção das *vitaminas*, a absorpção do *chlorureto de magnesium*.

A constipação constitue um perigo extremamente espalhado.

A constipação (intestinal), com o tempo, acaba por produzir a quéda dos dentes; é precedida do estado que se chama a *colibacillose*. Os microbios do intestino passam para o sangue e são eliminados pelas differentes secreções do organismo. E' por essa razão que se observa a *colibacilluria*. Os microbios do intestino eliminando-se pelas urinas, essa perturbação póde ser observada pelo microscopio. Eliminam-se tambem pelo nariz.

A colibacillose produz inflammações chronicas do nariz, as sinusites etc...

Como se verifica o cancer do estomago?

Ha signaes evidentes, taes como: vomitos negros, emmagrecimento, perda de forças, presença de sangue nas fezes; suppressão de acido no succo gastrico, perda de animação, diminuição de appetite ou impossibilidade de encher o estomago, o que dá muito rapidamente a sensação de fome satisfeita. Ausencia de melhora em seguida a um descanso e a um tratamento. Exame radiologico feito por um especialista, e que denuncie uma deformação; esta deformação é algumas vezes difficil de ser verificada e exige muitas experiencias.

Quaesquer que sejam os signaes do cancer do estomago que appareçam, por mais simples que sejam, por mais isolados, deve-se immediatamente ir procurar um cirurgião, não esperar nem um dia para ter mais certeza, porque é expôr-se á doença não ser mais operavel".

DR. PAUCHET.

Sombrinhas de mousseline de seda e de tafetá em dois tons; leque de renda; collar de madreperola; romeira de renda, luvas "chantilly"; sapato e bolsa, em tecido de phantasia.